

ILUSTRAÇÃO

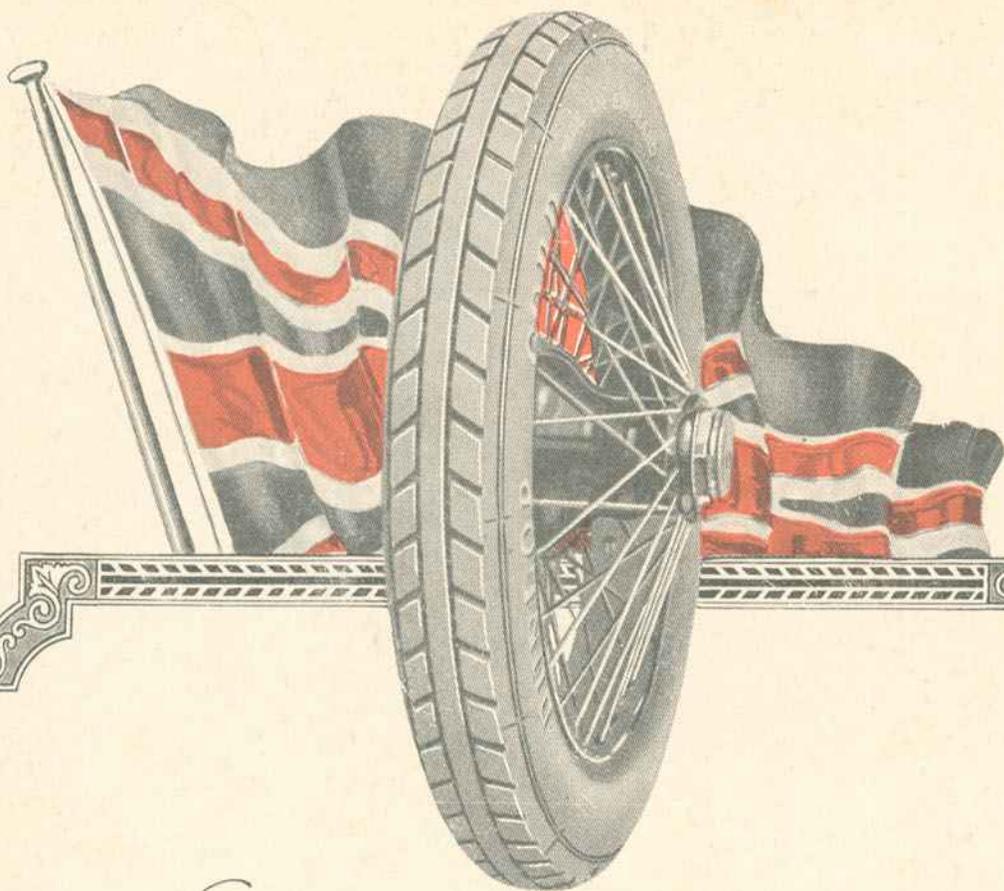


1.º ANO — Número 11

Lisboa, 1 de Junho de 1926

PREÇO 4800

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



O famoso pneu Dunlop Cord montado na roda d'arame Dunlop

É com a kilometragem que se põe á prova um pneu, e é particularmente n'este ponto que o pneu DUNLOP mostra a sua supremacia sobre todos os outros pneus.

O DUNLOP CORD é um producto completo de manufactura ingleza, e actualmente obtem-se com este pneu o dobro da kilometragem que se conseguia antes da guerra.

calce Dunlop e ficarà satisfeito

Á VENDA EM TODAS AS GARAGES DO PAÍS

DEPOSITARIOS GERAES

GUILHERME GRAHAM JUNIOR & C.^ª

Rua dos Fanqueiros, 7, 1.^º

LISBOA

GUILHERME JOÃO GRAHAM & C.^ª

Rua dos Clerigos, 6

PORTO



DODGE BROTHERS

Comprando automóveis DODGE BROTHERS compra-se bom aço,
Comprando Bom Aço compra-se grande duração.

Quem compra bom aço compra quilometragem; compra duração. E comprando um automóvel DODGE BROTHERS adquire-se ambas as coisas.

A percentagem de aços filtrados e peças forjadas a pilão empregadas nos carros DODGE BROTHERS, é superior à empregada nos automóveis de tôdas as outras marcas, mesmo nos de muito maior preço. É por isto que é frequente encontrarem-se automóveis DODGE BROTHERS com mais de 250.000 quilómetros andados.

Os compradores de algumas marcas apenas adquirem um lindo veiculo, mas o comprador do automóvel DODGE BROTHERS adquire principalmente um carro que lhe prestará bom serviço durante muitos anos, como o prova o facto de andarem ainda em serviço activo mais de 90 % dos 1.500.000 automóveis DODGE BROTHERS fabricados nos últimos onze anos, o que é devido ao bom aço néles empregado.

BERNARDINO CORRÊA, L.^{DA}

1, AVENIDA DA LIBERDADE

LISBOA



CREME BALSAMICO - MARVA
RIVALISA COM OS MELHORES ESTRANGEIROS



VELUTINA BALSAMICA - MARVA
FABRICADA E PERFUMADA PELOS PROCESSOS
MODERNOS EMPREGADOS POR COTY

Produtos de beleza conhecidos e preferidos pelas senhoras em todo o país, Ilhas, Africa e India - Criações da
PERFUMARIA DA MODA - 5, Rua do Carmo, 7 - LISBOA

V. EX.º QUER TER AS PERNAS ELEGANTES?

USE SEM HESITAÇÃO AS

BANDES L. DE CLARKS

em caoutchouc muito fino de cor rosea e muito macio,
INVISIVEL DEBAIXO DA MEIA MAIS TRANSPARENTE.

Pela suave massagem que elas ocasionam durante o andamento, facilitam a circulação e tornam a vossa perna elegante e escultural.

Preço - esc. 35000 - Porte gratis

VICTOR C. CORDIER

Rua da Prata, 275 - LISBOA
C. Marquez de Abrantes, 1 a 5 - LISBOA
Rua das Flores, 136 - PORTO



A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crecscidoão.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C^o), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

**Tome diariamente um copo d'ENO,
e conservará a sua saude**

ENO'S "Fruit Salt" é o verdadeiro e unico Sal de Fructa que tem obtido a maior reputação no mundo inteiro durante os ultimos 50 annos. Tomado diariamente, obtém-se os melhores resultados como defeza natural da saude.

Laxativo muito suave, o "Sal de Fructa" ENO, restabelece o bom funcionamento do aparelho digestivo, de que depende essencialmente a boa saude, fazendo desaparecer as perturbações nervosas ocasionadas pelas indisposições de estomago, prisão de ventre, etc.

Uma colher das de café num copo d'agua, de manhã e á noite.

"SAL DE **ENO** ENO'S
FRUCTA" "FRUIT SALT"
FABRICA

Depositarios em Portugal:

Robinson, Bardsley & Co. Ltd.
8, Caes do Sodré, Lisboa.



As palavras "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "Eno" assim como o rotulo, são marcas de fabrica registadas.

POMPADOUR

ILUSTRAÇÃO

Esta série de perfumarias constitui o
: : nosso orgulho de fabricantes : :

TOMÁS MENDONÇA, FILHOS, L.^{DA}



PERFUMARIA MENDONÇA

Telefone: Trindade 105

CALÇADA DO COMBRO, 47—LISBOA

URODONAL

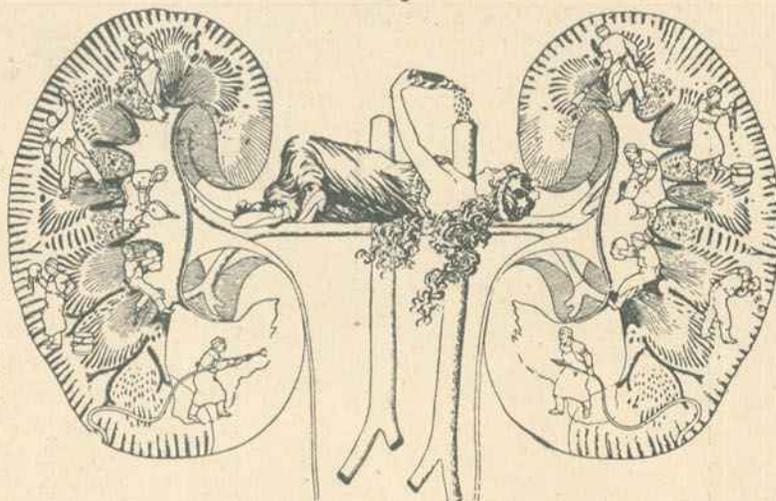
restaura o filtro renal

Gotta
Arêa
Enxaquecas
Rheumatismos
Azias
Obesidade
Arterio-
Sclerose

Recomendado pelo professor Lancereaux, ex-presidente da Academia de Medicina, no seu *Tratado da Gotta*

GRANDS PRIX
Quito e Nancy 1909
Londres 1908

HORS CONCOURS
San Francisco 1915



« Cada vez que o medico tem motivos de receiar a uremia ameaçadora, tanto se o rim ou o coração só está em causa, como se ambos os órgãos estão feridos, ha de pensar no URODONAL. E' um verdadeiro seguro contra a « morte repentina » que ao administral-o permite que o doente contraia. »

Dr RAYNAUD
Ex-Medico Chefe dos Hospitais Militares.

ESTABELECIMENTOS CHATELAIN, 2 bis, rue de Valenciennes, Paris.

A. VINCENT, L^{DA}—CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS—RUA IVENS, 56—TEL. 1858 C.

A OPINIÃO MEDICA:

« Aconselhei o seu Urodonal a uma pessoa de minha familia, obtindo um allivio quasi instantaneo das dôres de origem uricemica de que desde muito tempo estava soffrendo. Deseio fazer-lhe continuar a cura e tenho intenção tambem de curar do mesmo modo um doente, com o Urodonal, por ser o unico remedio efficaz e de effeito duravel. »

D' Lorenzo MIGNONE
Medico-Chirurgião
Masone (Genova).

GRANDS MAGASINS DU PRINTEMPS de PARIS

Madame,

Nous vous prions de bien vouloir honorer d'une visite notre Agence de Lisbonne, Rue Ivens, 56, qui possède un bel assortiment de tous les articles permettant la confection par soi-même des rideaux les plus riches comme les plus simples.

Parmi nos mousselines unies, tulles ou laizes brodées qui s'harmonisent si parfaitement avec les styles LOUIS XV, LOUIS XVI ou EMPIRE, les filets noués à la main ou à la machine, les tulle-filets et la guipure française ornés d'applications d'entre-deux et de franges de coton-mèche qui égaiant l'interieur où la fantaisie est permise, vous pourrez, Madame, à votre convenance, faire un choix, selon vos goûts et vos besoins.

Pour la mer ou la campagne, enfin, nous vous présenterons les «Carreaux Normands» en tons variés qui cadreront délicieusement avec les pièces «alemtejanos» ou «rustic».

S U P L E M E N T O

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 23—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25—Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE JUNHO DE 1926

ANO 1.^o—NÚMERO 11



O sr. General Manoel de Oliveira Gomes da Costa, que assumiu a chefia do movimento militar.



O sr. Comandante Mendes Cabecadas, à saída do palácio de Belem, depois de ter recebido do Chefe do Estado o encargo de formar ministério.



O sr. coronel Oliveira Gomes, comandante em chefe das forças concentradas na Amadora.

A REVOLTA MILITAR

Na madrugada de 27 de Maio findo o país foi surpreendido por mais um movimento revolucionário, de carácter militar, com o principal objectivo de derrubar o governo do sr. António Maria da Silva, cuja orientação politica estava desagradando à maioria do exército. A revolta teve início em Braga, na 8.^a divisão, dali irradiando para as outras unidades, pelo que se considera plenamente triunfante, com a vantagem de ver atingido o seu fim sem a mínima efusão de sangue e sem ter sequer disparado um único tiro.

Não quis a *Ilustração*, embora o presente número já estivesse pronto a sair, deixar de registar acontecimentos de tão palpitante actualidade, e por isso organizou, à última hora, este suplemento, dando nele alguns aspectos do movimento revolucionário aludido.



O sr. capitão Sintra (à esquerda), à saída da Escola de Aviação de Sintra, na Granja do Marquês.

ILUSTRAÇÃO



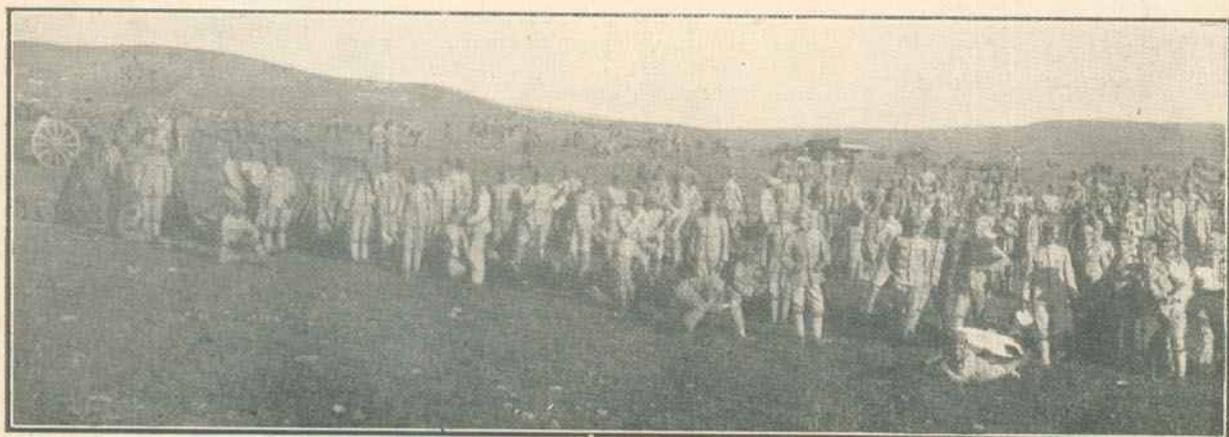
O sr. comandante do Parque 1. de Aeronáutica de Alverca, chegando ao campo de aviação de Sintra.



Um grupo de civis presos, nos arredores da Malveira, por desobedecerem as ordens dos postos avançados dos revoltosos.



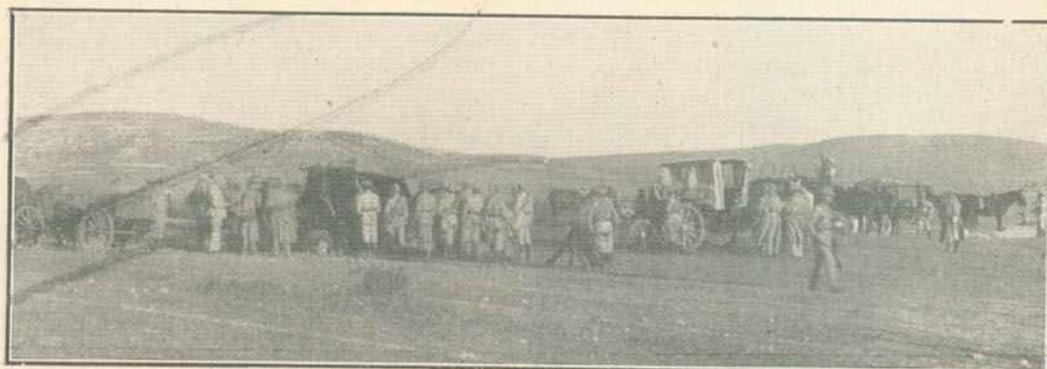
Os postos de metralhadoras ligeiras, próximo do Sabugo.



Aspecto do acampamento das forças revoltosas na Granja do Marquês, em Sintra.



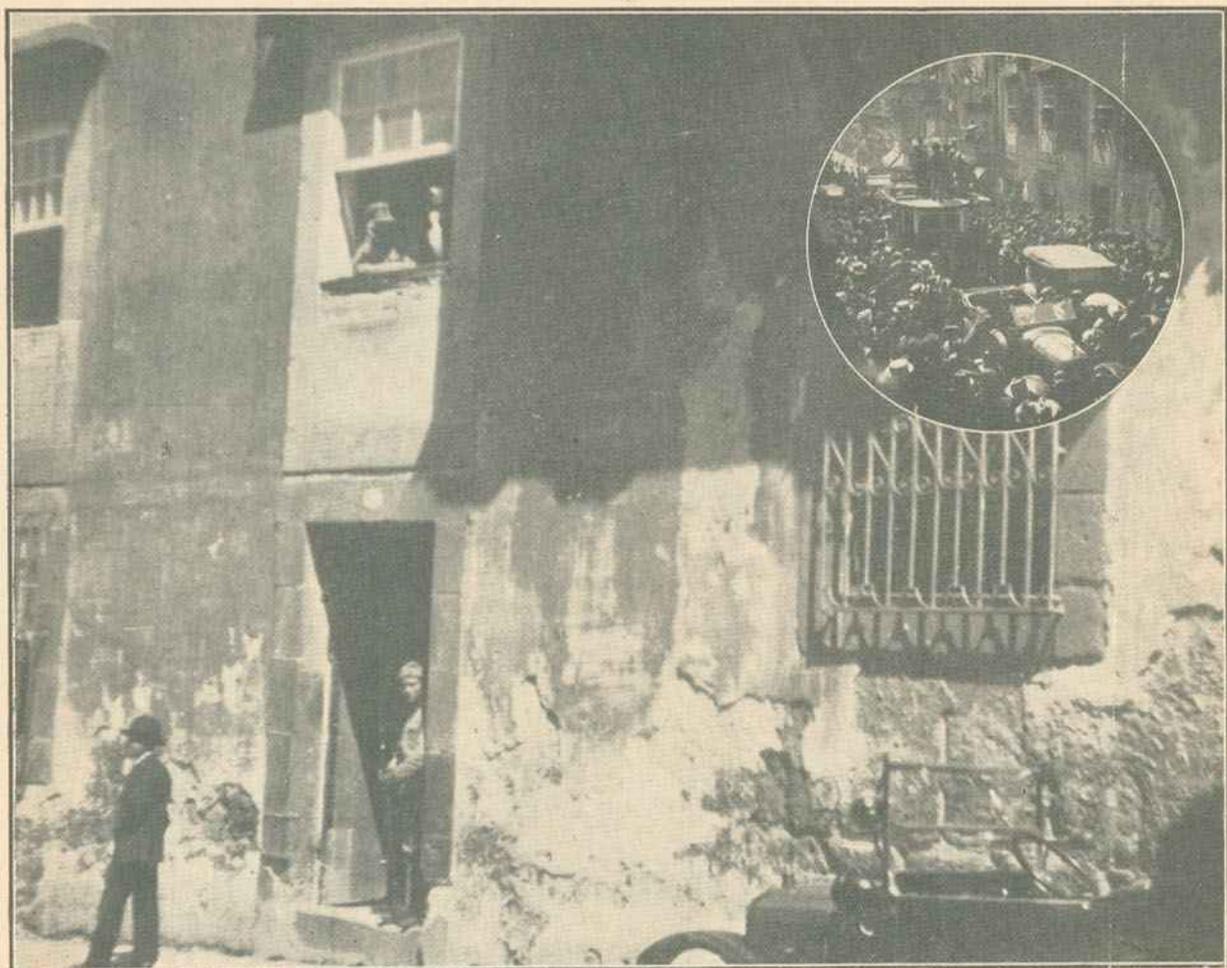
O avião que andou em serviço de reconhecimento, estabelecendo o correio das tropas revolucionárias entre Sintra, a Amadora e Alverca



No acampamento da Granja do Marquês: os trens de cozinha preparando o rancho das forças ali acampadas



As metralhadoras pesadas avançando para a Amadora, pela estrada da Granja



O edifício do Quartel General em Braga, donde o sr. general Gomes da Costa expediu as primeiras ordens relativas ao movimento.
No detalhe: Uma fração do regimento de infantaria 3 chegando em frente do mesmo quartel, entre aclamações do povo.



O sr. Rodrigues Gaspar, presidente da Câmara dos Deputados, saindo do Parlamento, após a última sessão do período legislativo. Não falta um certo ar dramático na scena.



Um representante da nação recebendo das mãos dum contínuo a papelada existente na sua carteira, porque já lhe não foi permitida a entrada no edifício do Congresso



O deputado sr. Agatão Lança e o general sr. Correia Barreto, presidente do Senado, estreitando-se num comovido abraço de despedida, a porta do edifício das Câmaras

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 1.º — NÚMERO 11

1 DE JUNHO DE 1926

BAIXELA GERMAIN



Jarro de prata dourada, executado em 1752-1753 por Antoine-Sébastien Durand.

Salteiro, açucareira e ovelho de ouro, executado em 1764, por François-Thomas Germain.

CRÓNICA DA QUINZENA

ERNESTO VILCHES, comediante espanhol de grande classe, foi objecto de uma festa de escritores, artistas e jornalistas. O costume de fazer festas à roda de uma mesa — vem dos gregos.

Não sabemos, mas talvez este hábito obedecesse ao princípio de quebrar a gravidade das consagrações. Uma taça, um ramo de flores, uma mulher — um pouco de galanteria, alguma coisa de beleza, alguma coisa de enebriante — fazem substituir a gravidade pela sinceridade.

Quem é grave pode estar convencido, mas raras vezes é sincero. Se na costureira internacional, alguma coisa há de paganismo, elle será dois mais inocentes.

Muitos ciclos hão de correr na órbita moral dos mundos para que a mesa de festa acabe.

No almôço de Vilches, Júlio Dantas soube ser justamente grave, e Joaquim Manso conseguiu ser ainda elegantemente espiritual. Os outros oradores não foram triviais, nem foram singulares.

Vilches porém foi simples. E se trazemos para aqui estas reflexões é apenas para assinalar um conceito do illustre actor: no teatro, como nas artes, há que defender um conjunto. Cada um serve o teatro na sua posição, porque cada talento tem o seu lugar. A minha companhia — disse Vilches — não sou eu. Somos nós...

Este conceito lapidar se nos afigura, e extensivo a toda a vida social moderna.

As primeiras figuras são um estímulo para o individualismo, que, tendo merecido na história louvores, que a falta de rigor crítico tornam quasi sempre unânimes, — é hoje reconhecida mente nocivo.

Nas letras e nas artes, como na política e na sciência, «a primeira figura» deve desaparecer, para que não desapareça tanta vez... à força de circunstâncias.

O sistema de «primeira figura» é a base de uma luta social que só seria admissível se não resultasse estéril.

Quando Vilches diz: «o conjunto é que é arte», elle não abdica necessariamente do seu valor exacto. O seu originalissimo valor mantém-se. Mas elle coloca-o ao serviço da sociedade, em prejuizo relativo da individualidade.

O individualismo português excessivo, trazendo o verbalismo a primeira plana, dá personificação às lutas do espirito e aos embates do pensamento.

Dispensamo-nos de exemplificar. Se é muito difícil adoptar aquele conceito, com um pouco de generosidade talvez fôsse fácil ensaiá-lo.

Não é preciso ser-se racionalista extremado para aceitar que as primeiras figuras vão dar, sem desvios que não sejam fratricidas, ao absolutismo, contrário a toda a sorte da razão moderna. «Um só» — é um princípio antigo que não deve sair dos limites fechados do dogma religioso.

Agora se discute se o ensino, além do secundário, deve ter por base a sciência ou o humanismo, dando de graça que o humanismo não seja uma sciência.

É uma questão delicada.

Quanto a nós — o menos indicado para de-

fender uma tese séria a este respeito — o ensino tem de se ajustar à indole. Os povos, como os individuos, têm a sua indole. E é o nosso povo refractário às sciências? Não. Mas a base exclusiva das sciências não é necessária para apurar tendências. O nosso ensino humanista, quasi clássico, não impediu que em lances da história universal portugueses se notabilizassem no campo das sciências.

E se a indole é que governa no homem, e a certa altura do ensino superior se estabelece a bifurcação natural que divide as inclinações segundo o seu apuramento — nenhum português se perderá para a sciência, embora lhe tenham ensinado muito latim.

É talvez preferível que um homem saiba reconstruir uma máquina a que saiba traduzir Horácio. Mas não nos parece bem um homem que podendo, por vocação e atavismo, dar um grande professor, se tenha feito d'elle um mediocre engenheiro. E muito menos bem nos havia de parecer um dos nossos filhos que falasse o inglês como um instrutor de Oxford, e não soubesse... entender Camões.

Ao cabo, parece-nos que haveria que procurar um meio termo entre a tendência moderna e a alma antiga.

Um projecto de lei visa actualizar as pensões a alguns homens que serviram a Pátria, no campo militar. Não se ignora que viúvas e filhos de portugueses, que tiveram seu nome tão grande que já esqueceu, vivem em circunstâncias menos que mediocres. Há casos de arripiar os cabelos. Basta citar aquele de uma mulher que, com a mísera pensão do antigo sistema cambial, não tinha à hora de jantar outro jantar que não fôsse o espiritual e doce alimento que lhe vinha da contemplação de um retrato querido.

Estas reabilitações materiais, em regra, só lembram, para projecto, quando os jornais sacodem as memórias, à passagem de mais um aniversário.

Apraz-me repetir: quando a desgraça faz anos, chega a ser afronta que a felicidade lhe venha bater à porta...

A exaltação religiosa, que o caso de Fátima despertou, reúne periodicamente cem mil pessoas à roda de um acontecimento sobrenatural, chamado milagre.

Um homem, professor, disse-me uma vez a propósito de uma afirmação minha: «se há pessoas que precisam de Deus para viver, eu que de Deus não preciso, compreendo-as, e respeito-as».

Se cem mil pessoas de mãos postas provam que a Fé existe, alguns espiritos superiores podem provar, ou tentar provar, que existe também uma excessiva simplicidade nas almas, mas o que elles não serão nunca é capazes de negar a Fé.

A Fé existe, como existe uma catedral e uma mesquita.

Quando vejo discutir-se Fátima e atacar-se a

crença, numa época de liberdade em que os templos não são apenas exteriorizações de espirito artistico, mas ainda e sempre florações de espirito religioso, pergunto a mim próprio se os que discutem e atacam pertencem ao numero dos homens superiores, ou se fazem parte dos grupos que julgam que os casos de consciencia se resolvem com palavras de intolerancia.

A semana da criança foi extremamente simpática. Se a geração de hoje, a que já vai a caminho da maturação, não é perfeita, a culpa não é das crianças.

O floricultor que não cuida dos seus viveiros, na hora própria, como pode colher boas flores? Que outra coisa elle terá a esperar senão um enfezado jardim, onde as rosas duram duas mardrugadas?

Se todas as espécies vegetais e animais se seleccionam e acarinham — porque não cultivar o homem? Porque não preparar a mulher?

Bem sei. A semana da criança não veio resolver o problema da educação e da instrução. Foi apenas um pretexto para lhe dar alegria. Mas que cousa simpática dar alegria às crianças!

A tristeza contemporânea, da qual provém toda a dúvida, o espirito negativo, o scepticismo formal, não tem outra origem que não seja a restrição da alegria, que gera saúde e completa saúde.

Dar alegria às crianças!

Hão de ter reparado que certas raparigas e certos homenzinhos quando entram na vida prática, a pesar de suas prendas e de seus méritos, parecem atados, são tímidos — não riem ou riem mal.

São os internatos. Deram-lhes saber; não lhes forneceram alegria. Não a alegria natural que vem do carácter (essa também lha atrofiam), mas alegria salutar, que vem da contemplação de beleza, e de gosto de viver.

A alegria infantil não está no muito recreio. Mas no recreio perfeito e constante, de modo que as cousas mais graves da existência se lhes ofereçam contentes.

O problema de educação, como o de instrução — a que acima me referi — é essencialmente o do cultivo do espirito sem esforço, e da alma — sem sombras.

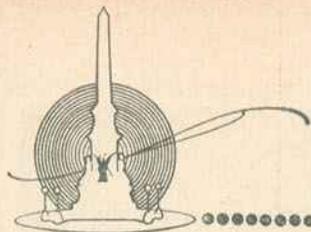
NORBERTO DE ARAUJO.

SOUSA LOPES

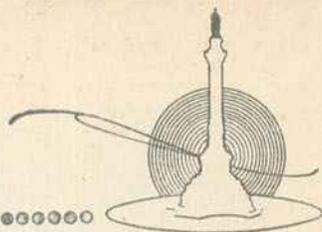
AUTOR DO QUADRO REPRODUZIDO NESTE NÚMERO

Recomendado pelo illustre escritor Ramalho Ortigão ao professor Luciano Freire, Sousa Lopes trabalhou com este mestre, e, mais tarde, com Veloso Salgado. Contando apenas dois annos de frequência na Escola de Belas Artes, de Lisboa, foi nomeado pensionista em Paris, onde trabalhou com Cormon, tendo fixado residência nessa cidade desde 1903. Com a sua grande exposição de 1917, revelou e afirmou definitivamente em Portugal excepcionais qualidades de colorista, desenhista e gravador de aguas-fortes. Com o posto de capitão, serviu no C. E. P., em França, e a sua obra da guerra assume especial importância. Alguns quadros e gravuras suas acham-se no museu dos Inválidos, em Paris.

A Illustração não publica senão os originaes solicitados.



LISBOA



A SEMANA DA CHIANÇA — O cortejo das escolas oficiais e particulares que se realizou, partindo de Algés, à Senhora da Rocha e Carnaxide.



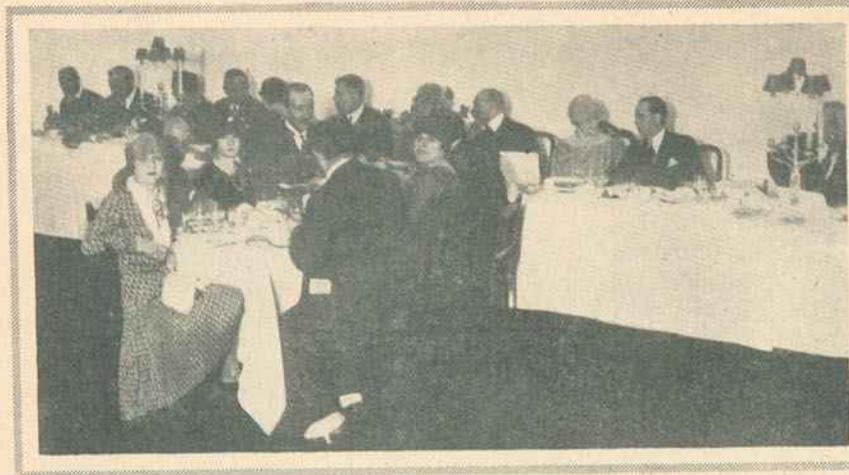
O sr. general Caldeira Pires, illustre director do «Anuario Comercial», utilissima publicação, repositório de informações cuja fundação se deve à sua inteligência e ao seu esforço e de que acabam de sair os volumes relativos a 1926.

O novo Ministro da Suécia, que há dias entregou as suas credenciais ao sr. Presidente da República, saindo do Palácio de Belem com o sr. dr. Justino de Montalvão, chefe do protocolo do Ministério dos Negocios Estrangeiros



A assistência à recepção dada pelo sr. Presidente da República e sua Esposa, no palácio de Belem, ao corpo diplomático, alto functionalismo, officiais de terra e mar e a algumas pessoas das suas relações.

A colónia espanhola no jardim do Palácio da Legação de Espanha, a Palhavã, no dia do aniversário natalício do seu soberano



Um aspecto do almoço oferecido por um grupo dos nossos jornalistas, no foyer do Teatro da Trindade, ao grande actor espanhol Ernesto Vilches e a sua esposa, a ilustre actriz Irene Lopez de Heredia



A sr.ª D. Lucila Moreira, distinta professora de piano, que, na 1.ª audição dos seus alunos realizada há dias no Salão do Conservatório, mais uma vez confirmou a superioridade dos seus processos de ensino



Recordando os alegres tempos da mocidade: Grupo tirado no Casino de S. José de Ribamar, no almoço comemorativo do 31.º aniversário da fundação da Tuna Académica de Lisboa, que foi presidido pelo sr. dr. Francisco Rompana e a que assistiram dezenas de convidados que da Tuna fizeram parte e hoje ocupam no nosso meio social as mais brilhantes situações



Antes do histori a bandarilha... — Os estudantes da Faculdade de Medicina que tomaram parte na corrida de gurráios por eles efectuada na Praça de Algés, na tarde de Quinta-feira de Ascensão, e que constituiu, como todos os anos acontece, uma festa de esufiante alegria... e alguns trambulhões sem conseqüências de maior

SOCIEDADE
ELEGANTE



A sr.^a D. Maria Cristina de Castelo Branco (Belas), gentil filha dos srs. Marquizes de Belas, e o atheres de cavalaria sr. Francisco António Pimenta da Gama, filho da sr.^a D. Maria da Natividade Pimenta da Gama e do falecido capitão sr. Alvaro Pimenta da Gama, cujo consórcio se celebrou no dia 15 de Maio findo na capela do Palácio da Rosa, a S. Lourenço



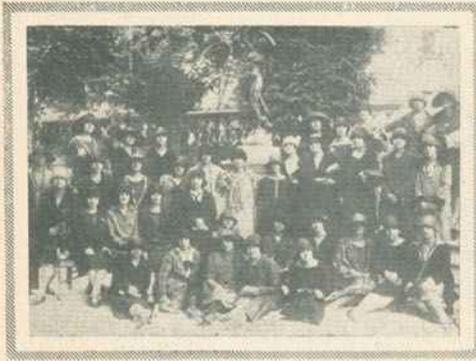
Nas corridas de cavalos do Hipódromo do Campo Grande: Dois grupos de gentis senhoras da nossa melhor sociedade pas-



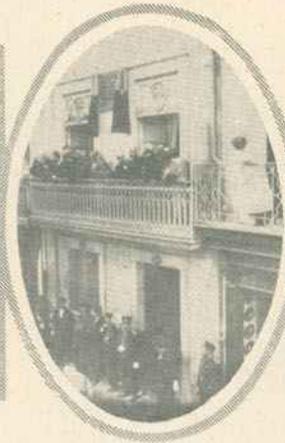
sando na pelouse, na tarde de Domingo, 23 de Maio último



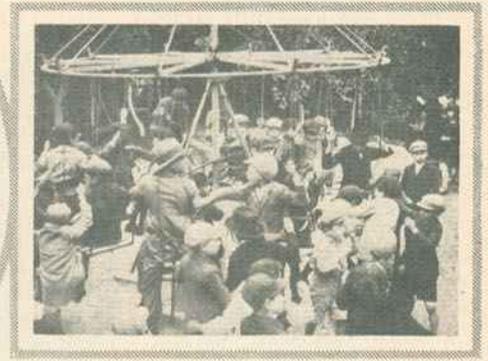
Aspecto da brilhantíssima recita de caridade que um grupo de senhoras da nossa aristocracia promoveu no Teatro de S. Carlos e em que foi representada a engraçada peça «Mademoiselle Nitouche». — O final do 4.^o acto do interessante Vaudeville. — Alguns dos distintos amadores que a interpretaram



Grupo de alunas do Liceu Sampaio Bruno e da Escola Normal que angariaram donativos para a efectivação da Semana da Criança.



A homenagem a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos: o descerramento da lápide na casa da rua de Cedofeita, onde a insigne professora residiu e morreu.



Semana da Criança.—No Cine-Parque de Gaia: um carrossel cujos lugares foram muito disputados.



Aspecto da sessão solene efectuada no Salão Nobre da Faculdade de Ciências, em homenagem a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.



Os novos médicos pela Faculdade de Medicina do Porto, que realizaram a tradicional «Festa da Pasta», com os seus professores do 3.º ano. Fazem parte do grupo os srs.: — Da esquerda para a direita: — 4.º plano: — Pinto da Fonseca, Conceição e Silva, Carvalho Ribeiro, Gernão Pimental, Alberto Barbédo, Calheiros Lobo, Câmara, Severino Barbédo, Afrânio Lamy; — 3.º plano: — Barbas dos Anjos, Valente Junior, Cebalço, Lurantino Reis, Raúl Girdoso, Ribeiro Braga, Júlio Rodrigues, Ivaro Figueira, Santos Esperança, Domingos Leite, Lage, Matos Vieira, Teixeira de Araújo; — 2.º plano: — Vito da Carvalho, Moura e S., Júlio Mota, Artur Oliveira, Ramiro Guerra, Ribeiro Guimarães, João Gonçalves, Eduardo Lamy, Joel de Magalhães, Silva Nunes, António Viana, Moreira da Ascensão, Ferraz Pinto, Manuel Ramos; — 1.º plano: — Pinto Valente, Moreira de Sousa, D. Avelina Victor, Prof. Lourenço Gomes, Prof. Teixeira Bastos, Prof. Luis Viegas, Prof. Lopes Martins, Prof. Alfredo de Magalhães, Prof. Carlos Lima, Prof. Tiago d'Almeida, Prof. Rocha Pereira, Prof. Morais Frias, Prof. Carlos Ramalho, D. Carlota Múrias, Álvaro Aguiar.



A VII Conferência Internacional Anti-Abolicionista, de que participaram delegados de 13 nações grupo tirado, no edifício da Bolsa, após a sessão final desse congresso de tão proveitosos resultados para os países vinícolas



Grupo de alunas do collegio moderno, da rua da Hoavista, que fizeram a primeira comunhão

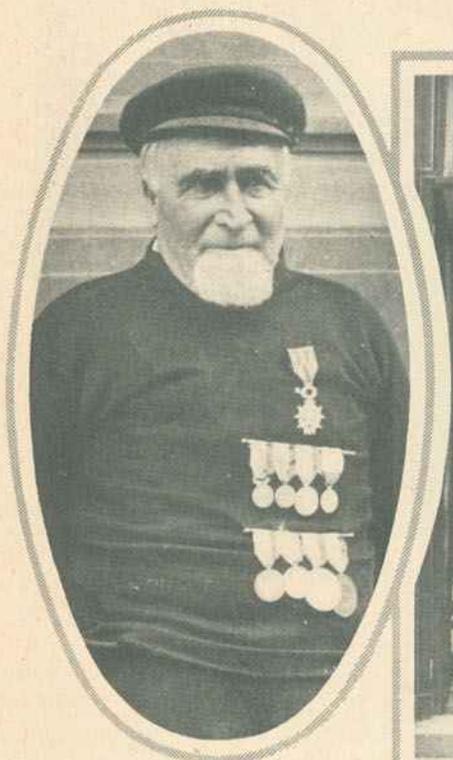
A SEMANA DA CRIANÇA — O cortejo infantil saindo do Palácio de Cristal

A SEMANA DA CRIANÇA — Um número dos folgedos infantis: 'Gente de S. Tomé'



Os antigos alunos das Aulas do Carmo, quando do almoço de confraternização que promoveram no Palácio de Cristal, contando-se entre os convivas muitas das categorizadas figuras dos meios industrial e comercial da activa capital do norte

ESTRANGEIRO



PARIS.—A França honra os seus heróicos homens do mar, aqueles que arriscam a própria vida em favor da vida do seu semelhante: Gilbert, um dos laureados da Société Centrale de Sauvetage, a quem no ambiente austero da Sorbonne foi conferida uma recompensa oficial.



PARIS.—O espírito francês: Mr. Hocque, protestando contra a ordem de fechar as farmácias ao domingo transformou a sua em câmara ardente, com dísticos curiosos como este: «*Prière de ne pas mourir un dimanche; c'est jour de repos.*»



PARIS.—As artistas de teatro festejando St. Honoré: a venda da flor, com fins de beneficência, realizada nas ruas e nos estabelecimentos de comércio.



PARIS.—Durante a visita das tropas americanas: a guarda às bandeiras desfilando na Praça da Concórdia.



PARIS.—A exposição de felinos na Sala Wagram: M.^{me} Marcelle Bregy, do Théâtre de la Porte St. Martin, e o seu gato Angora, que obteve um dos primeiros prêmios do certame.

ESTÉTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

RITMO, SOM E ADJECTIVO

VIEIRA, sábio no balancear elegante da frase, joga belamente com a disposição do adjectivo — predicativo ou epíteto — collocando-o ora antes ora depois do substantivo ou do complemento:

«As palavras são muito comuns para dia tão particular, e para assunto tão subido muito vulgares. Mas, se o artifice não estivera tão esquecido do exercício e da arte, sobre *alicerces toscos* bem se pode ajustar *alto e lustroso edificio*» (*Sermões*, ed. 1909, vol. XV, p. 7).

Podia Vieira ter escrito *alicerces e edificio alto e lustroso*, que assim diria o mesmo e se manteria igualmente fiel às leis da lingua. Mas a cadência da frase perderia, se o grande prosador tivesse collocado os dois substantivos *alicerces e edificio*, ambos antes ou ambos depois dos adjectivos que lhes destinou. Alternando as posições relativas de uns e outros, variou a música do periodo e serviu-se dos prestígios do ritmo para dar à sua expressão aquella misteriosa poder fisico pelo qual o ouvido nos leva até à medula uma sensação especial, assim definida por Nietzsche: «subjugação elementar que se apodera do homem quando ouve musica, o ritmo impõe-se, gera o irresistível desejo de ceder, de concordar, de afinar por elle não só os passos que se dão com os pés, mas os próprios movimentos da alma, que acompanha a cadência».

Porque estes assuntos do ritmo se exemplificam mais nitidamente na poesia, mostraremos com versos de Camões e de Corrêa de Oliveira os efeitos da collocção do epíteto antes ou depois do seu substantivo.

Do soneto 82 da edição camoniana de Teófilo Braga: «Que no meio do *justo desengano*, Me possa inda cegar um *moço cego*». Do soneto 160: «Juntar-se ao *claro dia* a *noite escura*». Do soneto 162: «E dos *ventos cruéis* a *dura guerra*».

Do *Verbo Ser e Verbo Amar*, pág. 149: «O verso antigo da *profana trova*». Pág. 165: «Os que tem fome de justiça e moram, Entre *guerras tiránicas*, e são *Pacificas ovelhas*...» Pág. 184: «E *nobres coros*, *anjos fraternais*».

Comparem-se os seguintes versos do mesmo poema, versos em que o Autor não adoptou a posição alternada:

Dormem os *bons apóstolos*. Estáticas
Ficam-se as *leves brumas*... (pág. 191)

E no Calvário um *rouxinol plangente*
Rompeu numa *aleluia anunciadora* (pág. 200);

com os seguintes exemplos de alternância:

..... a natureza
Parecia voltar ao *pasmo hiante*
Do *antigo caos* em que estivera presa. (p. 203)

Velavam os dois *anjos triunfantes*
Por sob *dozes lágrimas* sorrindo (p. 212);

e vejam-se ainda estes, em que a cadência se accentua pela repetição do mesmo adjectivo, posto ou anteposto ao seu complemento:

Miguel, o herói da célica epopeia
E Gabriel, que trouxe a Anunciação,
Cheia de graça e de *promessas cheia*.

E' evidente que a adopção das adjectivações paralelas ou alternadas depende do estilo, isto

é, do temperamento do artista, e não é caso para que se deem receitas, procurem regras, ou estabeleçam preferências. O mais que se pode recomendar a este respeito é que as pessoas que gostam de escrever bem se não esqueçam nunca dos recursos de variedade e cadência fornecidos pela liberdade de collocção do adjectivo, liberdade que constitui uma das riquezas da nossa lingua, e aliás é comum aos outros idiomas europeus em que o latim se continua. Alemães e ingleses, pelo contrario, estão entangidos na regra que os força a antepor o epíteto ao seu substantivo.

Em português é esta liberdade muito ampla na lingua literária, creio até que mais ampla que no francês, que só pode dizer, por exemplo, *joie aigüe, branche fleurie, boule argentée*, ao passo que a nós é licito dispor os adjectivos correspondentes atrás ou adiante das palavras por elles qualificadas. No português oral, corrente, utilitário, a regra é que o adjectivo vem depois: *vinho tinto, pé esquerdo, vestido azul, casa grande, rapaz galego*. Desde, porém, que a expressão atinge de qualquer modo carácter poético, literário, oratório, exclamativo, emocional, a anteposição torna-se frequente (*grande nau, grande tormenta; triste vida, santo homem, mau raio, grande burro, bom rapaz*). Mas a lingua literária culta continua presa ao uso do falar pratico por algumas, poucas, excepções, em que a anteposição revoltaria os nossos hábitos, como acontece com quasi todos os adjectivos que designam cor e em geral com os de nacionalidade. Fora desses casos, e daqueles em que o uso estabeleceu significado diverso para collocção diferente (*homem grande, grande homem, certo amigo, amigo certo*, etc.) a literatura portuguesa é licito ordenar de modo quasi discrecionário a situação do qualificativo, tirando daí não só efeitos variados de ritmo, como já vimos, senão também melhoria da sonoridade.

Se eu escrever: «Com as enfermeiras religiosas entrou nova moral no novo hospital», e reparar no que escrevi, ser-me há denunciada pelo ouvido uma consonância ou rima inoportuna, e talvez desagradável para elle. Escrevendo simplesmente, em vez de *novo hospital, hospital novo*, o mau efeito desaparece e eu ficarei menos descontente com a minha frase.

Relendo um trecho meu há anos publicado, encontro o seguinte: «O que julgamos ter conseguido, apesar dos cortes feitos e das inevitáveis reduções, foi a agradável conciliação da forma com a essência», etc. Há aqui um *aveis-ável* e um *ões-ão* que não deixam de ser pavorosos pelo facto de estar isenta de pruridos estéticos a exposição meramente didáctica em que aquella frase se continha. Mas a culpa de tão feia musica pertence ao executante, e não ao instrumento; ao mau escrevedor português, e não à lingua portuguesa. Se, depois de haver formado aquella combinação de palavras, eu a tivesse ouvido cá dentro como agora a estou ouvindo, e se decidisse concertá-la com um mínimo de esforço, bastar-me-ia agrupar *conciliação agradável* onde está *agradável conciliação*, que logo o deslocamento das assonâncias atenuaria o mau efeito destas, substituindo o paralelismo *aveis-ões-ável-ão* por uma simetria de focos tónicos mais distanciados, e portanto menos sensíveis.

O que nesta espécie de fenómenos haja de coeficiente pessoal (pois cada medula e cada ouvido tem, dentro das leis gerais humanas da sensibilidade para o som ou para o ritmo, as suas particulares afinidades e exigências) não invalida, nem deve fazer esquecer ou apoucar o

facto bem real e objectivo que suscitou este ensaio: a ampla liberdade da collocção do qualificativo é riqueza estética da lingua, fonte de recursos literários e estilísticos, elemento precioso de variedade, melodia e ritmo.

No instinto artistico e no temperamento de cada escritor estão os supremos, senão os únicos legisladores sobre a matéria, e já dos que pobres de espirito que acreditem na efficacia de regras ou receitas exteriores para se desentarem de uma alma que lhes falta por dentro, pois d'elles será o triste reino da affectação e do ridiculo!

Mas... Como se aprende e como se ensina o português literário, de há quasi um século a esta parte, desde que o Liberalismo expulsou os frades e o latim, ou a velha Retórica foi destronada, succedendo a Quintiliano César Augusto a Anarquia, a Preguiça e o Desmazêlo?...

O verdadeiro estilo é pessoal e espontâneo; mas o mecanismo da estilística deve estudar-se no ensino secundário, e porque os velhos métodos passaram de moda, não é razoável que em lugar d'elles se ponha coisa nenhuma. Cada um de nós escreve como Deus Nosso Senhor é servido, e não me consta que a minha geração, e as seguintes até agora, tenham tido outro mestre que as ensinasse a conhecer as leis gerais do estilo, ou a lidar com a lingua pátria, nas suas caracteristicas possibilidades ou difficuldades de expressão literária. Portugal é notável, e até excepcional, exactamente pelo génio de expressão nas letras, de modo que ao liceu, e não ao país, pertence a culpa de se não guiar e disciplinar esse pendor colectivo, porque é na idade liceal que os futuros literatos se revelam. Nessa altura, pois, deviam os rapazes ser encaminhados por lições e exercicios metódicos, e ter à sua disposição manuaes de estilística, compêndios práticos de sintaxe, glossários onde aprendessem a evitar os barbarismos e erros lingüísticos respirados no ambiente, através da leitura de jornais, tabuletas, discursos políticos, romances baratos, publicações desportivas e todos os mil potros de supplicio onde a linguagem se infama e trucidada a cada instante.

Parece que a preparação actual dos nossos mestres secundários de português propende satisfatoriamente para o lado da erudição literária, mas peca ou falha no tocante à metodologia do ensino e à estética da lingua. Por isso, talvez, se podem citar os optimos trabalhos eruditos de Coelho de Magalhães, Marques Braga, Prado Coelho, Pires de Lima, Silva Corrêa, etc., mas, fora da critica ou exegese literária, da filologia (e também da fancaria), nada ou pouco mais se encontra nos livreiros, que nos indique actividade magistral no dominio pratico da redacção, correcção, composição, sintaxe, lexeologia, vernaculidade, estilística. A velha Retórica tinha de ser rejuvenescida, mas não pode abolir-se de todo; e as nossas Faculdades de Letras precisam mudar de rumo, procurando convencer os seus alunos, futuros mestres, de que não basta estudar a lingua portuguesa nos velhos textos, mas convém igualmente ensinar a manejá-la sob o aspecto artistico, para que ella não desapareça dos novos.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

ERRATA. — No meu artigo do número anterior deu-se um salto tipográfico donde resultou ficarem nomes de literatos, como James Joyce, acamaradando com o de apóstolos da categoria de Ghandi. Com isso não deixou de ficar intelligivel o que se queria dizer e brevemente será accentuado num livro que não tardarei em publicar. — A. de C.

DESPORTOS



FOOT-BALL.

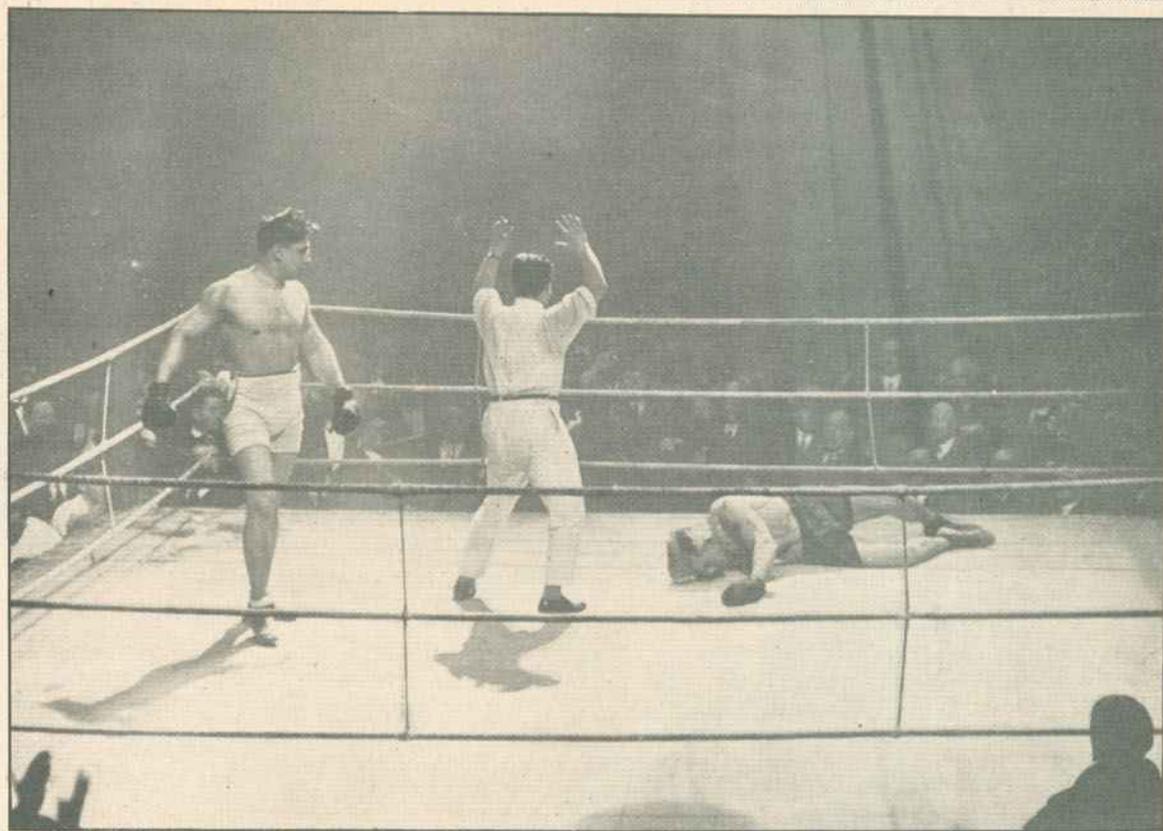
Nas meias finais do Campeonato de Portugal, o Belenenses bateu o Olhanense por 2 a 1, tendo o Marítimo do Funchal derrotado o Foot-ball Club do Porto pelo elevado «score» de 7 a 1, resultado que causou grande sensação nos meios desportivos.



CAMPEONATOS DO ATLETISMO DO CLUB INTERNACIONAL DO FOOT-BALL. — Vasco Sobral Dias lançando o martelo e Gentil dos Santos saltando em altura.



Um aspecto do desafio Marítimo-Porto. — O primeiro goal marcado pelo Sport Club Marítimo do Funchal



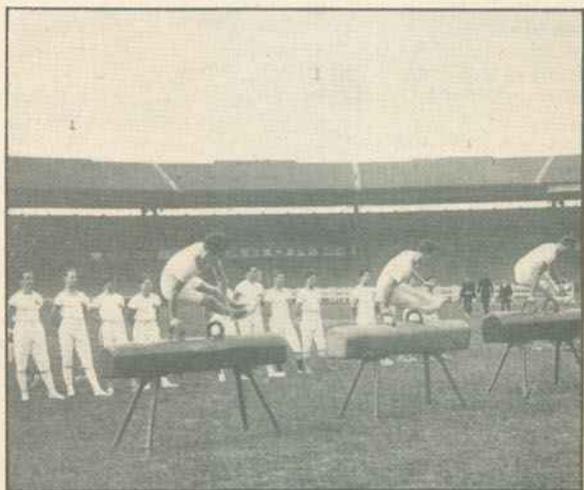
O match de box Francis Charles contra Breiteustracter — O knock-out do campeão alemão

BOX

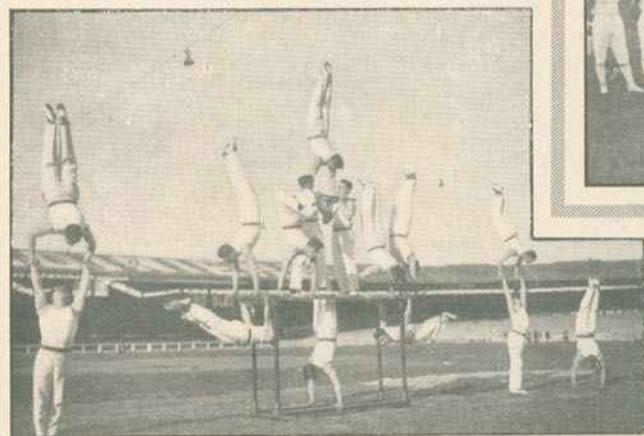
Em França — Realizou-se em Paris no Velodromo d'Hiver o combate de box entre o campeão de França, Francis Charles e o campeão alemão Breiteustracter.

A vitória pertenceu ao primeiro, que fez um brilhante combate, dominando o seu adversário durante o primeiro round, e pondo-o «knock-out» no segundo round.

Francis Charles que mostrou possuir grandes qualidades de «boxeur» conta bater-se brevemente contra Paulino, campeão da Europa dos pesados.



Um dos exercícios executados pela Sociedade dos Ginastas Suíços



O campeonato dos ginastas desportivos — A pirâmide executada pelos Bombeiros de Paris

Em Espanha — O combate Paulino-Spalla, realizou-se em Barcelona perante uma assistência calculada em cerca de 30.000 pessoas.

Paulino triunfou do seu adversário, batendo-o aos pontos e conquistando assim o título de campeão da Europa.

O domínio pertenceu-lhe durante todo o combate, mostrando o campeão espanhol possuir o estôfo de um bom boxeur europeu.

Paulino pensa em atravessar o Atlântico a fim de se defrontar com os campeões da América do Norte e possivelmente contra Dempsey o famoso campeão do mundo.

A PESCA DO ATUM



Durante o «copejo». (Desenho feito sobre uma fotografia cedida à nossa revista pelo sr. J. Barbosa, de Vila Real de Santo António)

CHIADO abaixo, Chiado acima, de olhos enlevados na teoria de lindas mulheres de que está cheia esta cidade — tu, lisboeta amigo, chegas a esquecer que há mais mundo além deste façeiro pedaço da nossa capital, e que por aí fora, por campos e praias, por planícies e serras, mesmo sem sairmos do solo português, existe muita e muita coisa curiosa que ver e admirar.

Apostaríamos a cabeça em como nunca assististe por exemplo, àquilo de que a *Ilustração* te vem hoje falar: a pesca do atum, esse bicho de saborosa febra, um tudo nada avermelhada, que abunda nas águas meridionais do Algarve, piscosas como poucas as das nossas costas marítimas.

É agora a safra deste peixe, safra que dura de maio a agosto, dividida em dois períodos. Hibernando, segundo se presume, nas proximidades dos Açores e da Madeira, em grandes funduras, é nos princípios de maio que o atum desperta e toma, em longos cardumes, indo os mais pequenos à frente, o rumo do Mediterrâneo, onde vai desovar, nas visinhanças da Sicília, principalmente. Gordo, mais cobiçável do que na volta, chamam-lhe os pescadores nessa ocasião *atum de direito*. Desde os dias primeiros de julho até quasi aos últimos de agosto retira êle dali, de regresso ao Atlântico e já no estado de magreza, e o nome que toma então é o de *atum de revés*.

Quem não queira, portanto, perder este ano, ainda uma vez mais, um curioso espectáculo, que, consistindo numa das mais rendosas fainas a que se entrega a nossa boa e humilde gente da beira-mar, se caracteriza pela grande vivacidade das suas operações e pelo forte colorido do seu cenário, — está agora a tempo de arranjar as malas e ir de longada até à faixa extrema do sul de Portugal, onde nestes meses decorre a pesca do atum e onde a temperatura tem a macieza do veludo e a luz a vibratibilidade das apoteoses. A menos de seis horas de viagem, num comboio que já se redimiu da incomodidade e do ronco antigo, — irá encontrar, ao longo da costa, para uma e outra banda do cabo de Santa Maria, importantes armações ou

almadravas, nome este que é mais uma reminiscência do domínio árabe na provincia.

Mas se a preguiça te vence e teimas em ficar, preferindo que sejam nós a dar-te idea das peripécias mais animadas da pesca do atum, em descrição fatalmente apressada e incompleta, — leitor amigo, ouve lá.

Três lanços de rês constituem o aparelho: a *guia*, que se prolonga pelo mar fora, indo a grande distância; o *corpo*, que se compõe de diversas partes e serve para aprisionar o peixe; e a *rabeira*, que vem prender à praia e alcança por vezes o comprimento de mais de três milhas. Tanto esta como a primeira cêxem funções idênticas: a de barrarem o caminho aos cardumes, obrigando-os a penetrarem no *corpo* da armação, pela larga abertura da *bôca*, que o atum supõe ser passagem livre e, afinal, através de múltiplas galerias, a laia de labirinto, o conduz ao *copo*, que é para êle a ante-câmara da morte.

À beira do *copo*, de forma quadrangular, vedado no fundo e lateralmente, à excepção dos pontos em que desembocam nêle os diversos corredores, posta-se de esculca um pescador no seu barquito, e logo que se apercebe de que o peixe penetrou no *corpo*, trata de cortar-lhe a retirada, fazendo mover uma rês, que não só lhe veda a passagem como o vai impelindo para o *copo*. Esta operação ter de ser muito cautelosa, porque o atum é extremamene tímido e qualquer sombra ou o menor ruído o assustam.

Dado o sinal de que o cardume está encurralado na armação, a companha dos pescadores acorre tôda, em seus *calões* e outros pequenos barcos, bordejando o *copo* e preparando-se para o levantamento da rês, operação chamada o *copejo* e que é a mais empolgante da faina. Cada qual armado do arpêu ou *bicheiro*, curvado da amurada da lancha, espera que o atum atlore na água — o pobre atum que, pressentindo o perigo, rodopia, rodopia, emergindo de espaço a espaço a barbatana caudal, em fôrma de crescente de lua e o dôrso côr de aço com reflexos prateados. Este movimento do peixe ajuda imenso os pescadores, pois doutro modo

não teriam êles lôrça para levantar o enorme pêso que chega a atingir um cardume.

Puxada, a pouco e pouco, a rês do fundo do *copo*, que está agora transformado em tanque e cuja profundidade se vai reduzindo sucessivamente mais, até, por fim, não exceder um metro, — o ataque ao peixe começa, numa scena de inesquecível agitação, frenética, alacre, com um tão vigoroso acento de vida, que, visto o espectáculo um dia, jãmais torna a desprender-se-nos da retina.

Os pescadores, desenvolvendo uma agilidade espantosa, arremessam os *bicheiros* à cabeça do atum, que ergue e retesa o corpo, na dôr do ferimento. E o pescador, deixando cair o arpêu, não faz senão atirá-lo para o bôjo do barco, onde êle longo tempo fica a estrebuchar.

Sob uma luz em que o ouro do sol corusca, e um céu que se embebeu de tôda a tinta azul, o quadro é, na verdade, impressionante. O sangue avermelha as águas, os barcos, as mãos, o rosto e as vestes dos pescadores, imprimindo a êstes um aspecto bárbaro.

Por último, quando no *copo* há já apenas um ou dois atuns, saltam para dentro dêle alguns rapazes, que se esforçam por montar os peixes. A êste episódio há muito quem chame *tourada*, pela semelhança que esta fase da pesca, nesta ocasião convertida de trabalho em divertimento, assume com uma corrida de cornúpetos em qualquer *redondel*. Fazem-se *passes* bem habilidosos e os aplausos mais vibrantes cobrem êstes pseudo-*diestros* da função.

A grita ao redor é atroadora, saída não somente das gargantas dos negraços que formam as artes, mas também das da muita gente que acorre sempre, em numerosas embarcações, a presenciar a animada labuta. E há no ambiente, orgiaco de côr, um ar de festa rija que nos contagia, que nos entorce, que nos leva arrastados na onda do entusiasmo.

Eis o que é a pesca do atum. Mas, como (parafraseando o poeta) nestas como noutras coisas, mais valerá vê-la do que julgá-la, não te fies leitor, na nossa pálida descrição: em qualquer destes meses da safra do atum, pega em ti e vai vê-la ao Algarve!



Terrinas e salcêiro de prata executados em 1755-1756, por FRANÇOIS-THOMAS GERMAIN



Centro de mesa de prata executado em 1757, por FRANÇOIS-THOMAS GERMAIN



Chaleira, salcêiro duplo e galeiteiro de prata executados em 1755-1756 e 1760-1761, por FRANÇOIS-THOMAS GERMAIN



Figurinha de prata dourada, representando um chinês, executada em 1757-1758, por AMBROISE-NICOLAS COUSINET.

lho a 30 de Junho) e o punção de *décharge* é o do ano de 1758. O que tudo está de acôrdo com o documento encontrado pelo Marquês da Foz e publicado por este e pelo sr. Germain Bapst (*L'orfèvrerie française à la Cour de Portugal au XVIII siècle*, Paris-1892).

(Clichés Serra Ribeiro)

Por entre as peças da baixela Germain andam juntas dezasseis figurinhas, das quais damos a reprodução de duas; essas figurinhas teem como punção as letras A. N. C. e são obra de Ambroise-Nicolas Cousinet. O punção do *fermier* é o de Eloy Brichard (1756-1758, 1 de Ju-



Figurinha de prata dourada, representando uma francesa, executada em 1757-1758, por AMBROISE-NICOLAS COUSINET.

DOIS MONUMENTOS

VILA-REAL, onde Camilo Castelo Branco passou parte da sua irrequieta mocidade e onde colheu elementos para alguns dos seus livros, comemorou o seu primeiro centenário erigindo-lhe o busto no jardim da Carreira.

Para levar a efeito os votos da pitoresca capital trasmontana, constituiu-se uma grande comissão de que fizeram parte individualidades em evidência no meio social. Assegurados os necessários recursos financeiros, foi a execução do monumento confiada aos consagrados artistas lisboenses Anjos Teixeira, escultor, e Norte Junior, architecto, que do encargo se desempenharam de forma a merecerem o aplauso unânime de todos aquelles que têm tido ensejo de apreciar a sua obra feliz.

O monumento, que é em bronze e granito da região, foi inaugurado solenemente no dia 25 de Abril, assistindo ao acto as autoridades civis e militares, colégios, liceu e tôdas as colectividades locais, e fazendo uso da palavra o presidente da Comissão e um representante da Câmara.

Brevemente será inaugurada também uma estátua a Carvalho de Araujo, filho desta terra e herói da grande guerra. Para dar uma ideia do que é o monumento, transcrevemos a brevemória da *maquette* em que o grande artista Anjos Teixeira explica e justifica a sua concepção:

«Para representar o combate do caça-minas *Augusto de Castilho* e do submarino alemão — duas massas enormes, postadas a grande distância uma da outra — forçoso é a estatuária recorrer a um simbolo.

Ainda em baixo-relêvo, o processo não podia ser diverso, a menos que se não procedesse à maneira dos antigos escultores, para quem volumes e perspectivas eram elementos puramente convencionais. A arte moderna não se compadecede com semelhantes principios.

Tendo de empregar necessariamente um simbolo, optei pelos dois atletas em attitude de se degladiarem, por ser esta a interpretação mais eloquente e objectiva do feito que consagrou Carvalho de Araujo como herói. «Luta de gigantes» lhe chamou, de resto, Luis José Simões, um dos sobreviventes da acção, no relato que trouxe a público. Essa frase foi o meu lema.

Os meus lutadores são, portanto, homens, e nisso caprichei, pois que o homem é a forma mais nobre, plástica e complexa da estatuária. Ao mesmo tempo procurei um desenvolvimento escultural «em nu» com os corpos todos em transe, sem uma linha parada, sem um músculo que não tenha o seu realce, a sua *vida* própria, e, escusado é dizê-lo, este é o tema mais difficil e mais exigente da escultura. Que é dos mais

belos — di-lo a obra renovadora dos Constantin Meunier com os seus *Mineiros*, de Rodin com o *Penseur*, *le Baiser*, do monumento aos mortos de Bartholomi.

Quanto mais fácil não seria



Monumento a Camilo Castelo Branco, e cerimonia da sua entrega à Câmara Municipal de Vila Real

interpretar o duelo de Carvalho de Araujo com o inimigo num grupo em que entrassem o leão rompente ou afrontado, ou em geito de arremesso, a águia de garra poderosa e asa desambainhada, a serpente alteando o colo etc., etc., tôda a fauna vista da arte monumental?! mas procurei, porque a isso me



«Maquette» da estátua a Carvalho de Araujo

obriga a dignidade profissional, não iludir difficuldades nem trazer a uma praça pública fancia, subscripta com o meu nome. A minha intenção só poderá passar despercebida a quem ignore ou queira ignorar, que na realização técnica reside o primeiro e essencial interesse da estatuária. O resto é literatura, que poderá ser boa ou má.

Os meus «gigantes» travam uma peleja de morte; um é mais alentado e robusto — o alemão; outro mais intrépido e leal — o português. Quem vence? Sente-se que vence o mais corpulento, mas a vitória devê-la há ao punhal, simbolo da arma traiçoeira (no dizer ainda do citado sobrevivente) que manejava o inimigo.

Se o grupo traduzir estas *nuances*, como será empenho meu, estarei quite com a verdade histórica, assim o julgo. Nêles gestos e linhas são sóbrias, porque o teatral e o romântico não sai da estatuária de hoje, e porque a pedra também o não consente. Igualmente sóbria é a parte architectónica, para nos desviar a atenção das figuras, de que é aqui acessório, e que se assim fôsse não permitiria ir mais longe a verba orçamental. Quanto à effigie de Carvalho de Araujo, procurei fixá-lo naquella attitude e naquele momento próprio dum comandante: impávido, sereno, superior à sua própria humanidade, divisando o inimigo.»

CAÑERO EM SAN SEBASTIAN

As diversões de índole nacional são a mais flagrante e a mais expressiva máscara moral de cada país. Eu creio que nem Dickens nem Walter-Scott igualam a lealdade do *foot-ball* na objectivação exacta da alma saxónica—infantil e disciplinada, afeiçoada à força e apaixonada da destreza. O *jeu-de-paume*, quasi revogado da

houve sempre, pois sempre haverá, com mais ou menos rossinantes, com melhores ou peores Dulcineas, cavalheiros da triste figura, tão simpáticos, afinal! lutando contra moínhos de vento. E mais do que D. Quixote—Sancho Pança. Este é nosso contemporâneo, dos nossos dias. Este é o símbolo do utilitarismo de hoje.

A alma espanhola não está nas suas Academias—das mais doudas da Europa. A alma espanhola não está com os seus prelados—dos mais obedecidos da cristandade. A alma espanhola não está com Afonso XIII, nem com Primo de Rivera, nem com Pablo Iglésias. Se quereis vê-la, se quereis senti-la—vê-la na realidade do calor na epiderme—entraí numa praça de touros, numa tarde de Agosto, em dia de matador cêebre no cartaz. E logo a encontrareis, na plenitude dos seus entusiasmos, na exactidão dos seus impulsos, na espontaneidade das suas fraquezas, a rir e a chorar, a exaltar e a humilhar. Os seus tipos sintese, ídolos encarando as qualidades fundamentais da massa colectiva, foram *Espartero*, *Bombita*, *Mazantini*, *Gallito*. Hoje é *Cañero*. Amanhã será *Cañerito*.

Ninguém a exprimiu melhor, que eu saiba, do que Mariano Benlliure, no mausoleu de *Joselito*, em Sevilha. Não aprecio a obra do escultor no seu significado estritamente estético. Evoco-a na função de sumário de psicologia dum povo. Naquele grupo de devoção, grandes e humildes conduzindo aos ombros o fêretro do toureiro, mulheres e crianças chorando a morte do *matador*, palpita e soluça toda a alma dêsse povo.

Porisso, na praça de S. Sebastian—vasto circo onde têm assento uma farta dezena de milhares de espectadores—cheguei a supor-me no anfiteatro de uma escola experimental, agora aluno de estudos psicológicos.

Nessa tarde deliciosa, rutilante de sol—o generoso Estiô cobrindo a colina e o vale do veludo quente da sua luz—um grande nome figurava no cartel:—o de D. António Cañero. E o toureiro e letrado, picador e espada, espada de pulso raro na elegância e de golpe fulminante no ataque, picador de apurado gosto que soube arripiar caminho contra a rotina, substituindo pelo famélico *penco* destinado à morte o ginete de raça combatendo com o touro, e D. António Cañero, sob o sortilégio do seu nome, levava à praça meio mundo.

Só a praça, por si, embora em S. Sebastian se mescle de muitos e vários tipos estranhos, vindos de França, é já um documento iluminado e escrito a tintas e caracteres de preciosa linguagem. A paixão da cor aparece-nos ali graduada pelos tons mais estridentes. O hábito da expansão passa-nos no ouvido todo o alfabeto do ruído. O riso tem azas e guizos—é um arlequim alado, que vã dos camarotes para as barreiras, das barreiras para *lo tendido*. A graça anda democraticamente do sol para a sombra, da sombra para o sol—mesmo no geito de enaltecer ou de diminuir, ora acariciante de lirismo, ora contundente de sarcasmo. Bandeiras amarello-rubro, o ouro das searas e o sangue dos torneios. Miqueletos deromeira azul e de calça vermelha. Boinas escarlates e boinas negras.

Chapeus à Mazantini e feltros cordoveses. E aqui, e ali, e além, em manchas flagrantes de personalidade—flores rútilas do ubérrimo solo natalicio—vultos estilizados de mulheres, olhos escuros, em que lucila o fogo dos infernos, olhos claros, em que se revê o azul do céu, sob heráldicas mantilhas de renda, envoltos em típicos *mantons* policrómicos.

Observado em conjunto, de baixo para cima, o amplo circo afunilado é tal qual um açafate de vêrga, um imenso açafate a trasbordar de mimos frescos e sorvados frutos, todos por igual acusando o mais forte colorido.

Mas, ao *passe-calle* de uma banda as quadrilhas de *matadores* e bandarilheiros, assomando à porta dos cavalos, no esplendor dos seus *trajes de luces*, na riqueza dos seus capotes de cortezia, as *monteras* na mão, as *coléts* pendentes, avançam para a arena em ordem de marcha, na obrigação tradicional do *paseo*. Seguem-lhes no rasto os picadores de vara, os *peones* de brega, os monos sábios, os *punilleros*, os *andarillos*, tudo gente de indumentária vistosa, tudo membros da família tauromáquica, na gradação descendente de senhores para servos. Dão a volta ao redondel, saudando o *Presidente*, o camarote da Família Real, um ou outro aficionado de relêvo.

Trocam-se *pirópos* e cumprimentos. Estrujem palmas isoladas nos sectores onde aprom as *quadrillas*. O riso e o contentamento saltam e espumam de lês-a-lês.

Não há tristeza que vença o espanhol na tourada. Na agonia que estivesse—abrissem-lhe um postigo para a praça e ele logo se associaria à festa e ao ruído.

As *quadrillas* recolhem. A banda emudece. Vai executar-se o primeiro *tercio* da corrida.

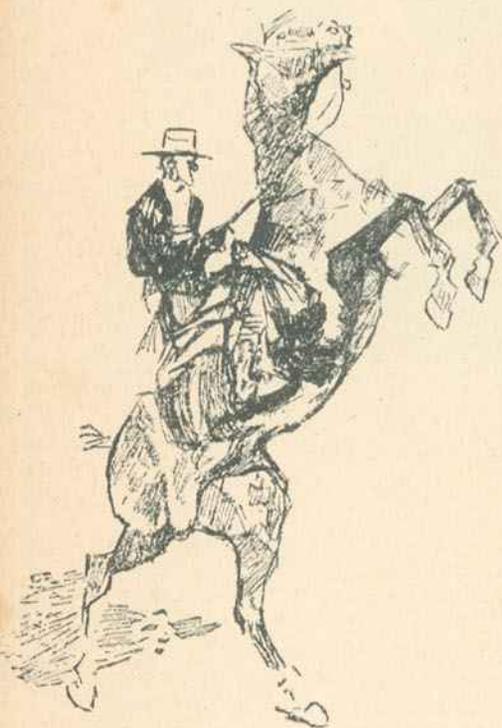
Um dos picadores volta à arena. Traz chapéu de aba larga prêso à barbela. A *chaquetilla* cinzenta é debruada de amarelo. A couraça que lhe protege a perna direita lembra um aparelho de ortopedista. Cavalga um triste *penco* de vara, um pobre lázaro esfomeado, de olhos vendados e ventre flácido:—um desgraçado que foi trabalho e prosperidade, a quem condenaram a morrer às cegas, entre gritos e gargalhadas, na hora amarga da invalidez.

Ao sinal dos clarins abrem-se os portões do *chiquero*. Surge no redondel, arrogante e destemido, tal qual na era clássica dos circos romanos, um touro enorme, dorso negro e cabeça erguida, hastes curvas e olhos chamejantes. E estaca com surpresa ao esculpir-se no oiro pálido da areia, e olha com assombro o cenário nunca sonhado na paz bucólica das pastagens.

—*Hay que verlo!*—graceja uma voz dos *tendidos*.

Um frouxo de riso rumoreja através do silêncio.

O picador, apontando o rojão, desafia a fera para a luta. O *penco*, pressentindo o perigo, encolhe-se e treme de medo. Por sua vez, a fera, aceitando o repto, arfando de raiva, arremete com nobreza—recuando, num rugido de dor, o dorso manchado de sangue, sob a lançada do rojão. Recua para retomar a briga. E cabeça baixa, cauda alta, caindo a fundo, levanta a pi-



França com a destituição dos Capêtos, excedia a própria graça alada de M.^{me} de Sevigné como exemplo e afirmação da elegância gaulesa. A alma da minha terra está toda, colorida e máscula, ao sul nas touradas, frementes de entusiasmo e exuberantes de valentia, ao norte nos arraiais, feéricos de pirotécnicas e agitados de dansas.

A Espanha aristocrática, a Espanha artística, a Espanha militarista está retratada nas touradas da Espanha popular como Narciso na água que lhe serviu de espelho. *La Maja desnuda*, apesar do eloquente nacionalismo de Goya, é apenas um traço episódico. Um aspecto de pormenor é o *Retrato de Infante*, de Velasquez, embora resuma as características de raça de uma família reinante. A obra de Zurbazan, eminentemente expressiva, dá-nos só o lado trágico da alma espanhola. Como a obra de Murrillo, divinamente humana, nos mostra sómente a costela divina da humanidade. O próprio D. Quixote, arrancado vivo ao humus manchêgo, não é sequer da sua época, muito menos do seu berço:—é universal, e de todas as épocas, pois

leca nas hastes, arremeça contra as tábuas o picador.

Os *espadas* e os *bandarilheiros*, mercê dos *quites* dos seus capotes, aliviam os derrotados das armas do vencedor.

— *Mas caballos! Mas caballos!* — ulula a turba alucinada, no rumor do pregão vozes masculinas casadas com vozes femininas.

Enquanto os *diestros* entretêm a fera assanhada e os monos sábios levantam o picador enxovalhado, e os servos da praça retiram o *penco* agonizante, mentalmente revejo o toureiro a cavalo nas corridas portuguesas. Passam-me pela memória cavaleiros de nomeada: — o Tinoco, o José Bento, o Manuel Casimiro. Estes dos mortos. Dos vivos: — os Simões da Veiga, D. Rui da Câmara, António Luís Lopes. Trajados à Filipe II. Montando cavalos do melhor sangue, apartados nas coudelarias de primazia. Desafiando o touro de cara, cravando-lhe ferros de palmo e meio, sem beliscadura nas montadas: — montadas de alta escola, activas e sabedoras, que se furtam às hastes com a agilidade de *clowns*.

Recordo um episódio taurino da minha meninice. José Bento toureira no Porto. De súbito, inesperadamente, o inimigo acomete-o de flanco, num movimento traçoceiro. E ele salva-se da investida pondo o ginete a pino, num *câmbio* equestre digno de escultura.

Estirpados mais rocinantes, o que carrega o ambiente de um faturum peculiar a sangue e estravo, procede-se ao segundo *tercio*.

E então entra em scena um *espada*, cujo nome não fixei, com a mira no jogo das bandarilhas.

Esbelto como negrilho novo, brilhante como candelabro de cristal, cumprida a graça do ofertório da *montera* a uma das infantas de Espanha, toma as bandarilhas na mão firme.

Coloca mal o primeiro par. Um aficionado, rubro de cólera, rouqueja da sombra:

— *Parricida! Va usted torear su padre!*

— *Porquerizo!* — bramam do sol.

— *A la gamella!*

Há outras vozes que não decifro, porque se fundem na trama dos protestos, porque se moldam em termos vascos.

Ao segundo par, mal colocado ainda, a cólera popular atinge as proporções de um desagravo à honra nacional. O ruído cresce. Sibilam assobios. As bôcas esgarçam-se de fúria. Os olhos fulguram de indignação. Agitam-se punhos alcançando garrafas.

Tenho a sensação de uma página evocativa de Pérez d'Ayala. Sinto em cheio o *Currito de la Cruz*, de Pérez Lugin.

Parece que o toureiro pretendia apenas irritar a multidão, no desejo de tornar mais forte o prazer de a dominar. Pelo que, ágil como um pé de vento, olhar sereno e atitude escultórica, prendê o terceiro par nas polpas ensanguentadas do adversário com a simetria geométrica de dois pingentes de filigrana em orelhas de moça endomingada.

— *Toque la musica! Toque la musica!* — comanda um dos do partido do *diestro*.

— *Burló preciosamente la embestida!* — desafoga uma dama gorda a meu lado.

E a música resfolega. E as palmas estrugem. E os gritos ensurdecem.

E assim até ao *tercio* final, aquele em que a *muleta* e o estoque representam a scena sobre tôdas emocionante, a mais dramática e a mais artística, da corrida à espanhola.

Ai de mim! Eu, português como um Marialva, eu, peninsular como um Belmonte, não sou ao menos a sombra de um aficionado. E tanto que, no lance impressivo das *veronicas* e dos *quites* que precedem o golpe de misericórdia, em vez de olhar o touro escarnecido e fatigado a atirar marradas ao ar, surpreendo-me a fazer exame à multidão através daquela prova decisiva.

O que és tu, multidão bizarra, tão variada no matiz cromático dos traços fisionómicos, tão una na expressão sincera das paixões e dos sentimentos? Bem sei: — dos três elementos em equação, à margem do touro e do toureiro, és a única fera de *verdad*, pois pagas o goso de vêr sangrar sem proveito temporal ou espiritual. E sendo a fera entre feras, não passas de uma criança. Os teus próprios assomos de fúria e ira são estereis impulsos de confessada fraqueza. Porque, não o duvides: — não és nada, tu tão numerosa e tão grande, diante do palmo e meio de pano daquela *muleta* escarninha. És o joguete de um pedaço de trapo vermelho, que te fascina, que na hora em que decidisse dispor



de ti, do teu braço e da tua força, dócilmente levitaria ao heroísmo ou ao crime.

Ai estás tu a dar-me razão. Para quê esse troar de vindicta, esses gritos de morte, contra o toureiro que só matou, e matou mal, à segunda estocada?

Quasi se não ouvem os guisos das mulas de arrasto atreladas ao cadáver chagado do vencido.

Mas D. António Cañero mostrar-se há dentro em pouco, não tarda nada. As apóstrofes cedem à ansiedade logo que a arena fica apta a recebê-lo.

Os abanicos de papel palpitam com furor. Uma graciosa *señorita*, reprodução viva da *Joven Espanhola* de Goya, alumia o caminho do desejado com o lume esperto dos seus olhos. Uma outra, que na graça e na suavidade encarna a *Virgen Madre* de Murillo, parece pedir ao menino do seu regaço que vá buscá-lo pela mão.

Cañero, alumiado por milhares de olhos coruscantes, transportado por milhares de mãos que se lhe estendem, acode à praça ansiosa.

Tôda de pé, é de pé que lhe dá homenagem.

Julius César, o que chegava de abater as Gálias, o que vinha de passar o Rubicon, o que

penetrava na Roma submetida, não logra outros preitos dos enriquecidos vassallos.

O cavalo fogoso, tosquiado à *garçon*, bate a arena a passo suspenso. Depois fica-se a *piafar* em frente do camarote da Realeza, diante da tribuna da *Presidencia*, nas cortezias do ritual. D. António Cañero veste o seu trajo *corto andaluz*, chapéu *cordovés* e *chaquetilla* de pano, os *rojones* sobre a *calzona* esticada e a espora no sapato de tacão alto. A face escanhoada e as feições miudas compõem-lhe um rosto impúbere de infante saído da escola.

Cumprida a regra do cerimonial taurino, cinge a *chaquetilla* à cinta no abraço de um lenço de seda, empunha o rojão de combate com fácil serenidade, indo receber o inimigo à porta do *chiquero*.

O silêncio deixa ouvir o pendular dos corações.

Ah, isto sim! Isto é toureiro nobre, destreza e arte ao serviço da valentia e do saber. Isto já não é conduzir cavalos à chacina. Isto é levar cavalos à luta.

Recebido à bôca do *chiquero* com audaciosa *rojonada*, o touro acomete o cavaleiro, entre o estrépito das palmas, detendo-se em certo momento — como que a perguntar-se o porquê do entusiasmo popular sobre a violência daquele duro cumprimento.

E uma estampa, é um colosso, é um bronze. Na era de Praxíteles daria que fazer ao escopo do divino Mestre.

Cañero tira o maior partido das leis arrancadas do bem nascido. E, largando a montada, passa a tourear-lo a pé.

A sua figura de salão toma relêvo sobre o disco da arena. Há olhos a gozarem lágrimas. Há bôcas a destilarem mel.

— *Buena suerte!* — solfeja um peito sufocado.

— *Olé! Olé!* — brame a maré viva de delírio.

A chama rubra da *muleta* relumbra diante dos olhos do animal — que ora arremete, ora exita, cabeça baixa e olhos fosforescentes, na inocência do estranho prodígio.

No imenso silêncio, a voz do toureiro retine, rítmica:

— *Eh! Eh!*

— *Assi se torea toros!* — louva um devoto em surdina.

— *Miren el fenomeno!* — aplaude outro fiel, êste em oitava alta.

E quando D. António, em bicos de pés, na calma sobranceira dos mármore clássicos, na esquerda a *muleta*, o estoque na direita, aponta o golpe derradeiro, abatendo a fera de uma estocada, a praça levanta-se num refluxir de vaga e num estrépito de ventania.

É sob a tempestade das palmas e dos bravos, chapéus chovendo no redondel, abanicos rlampejando no ar, que a fera abatida, na mansidão do cordeiro e na resignação da pomba, se encosta à trincheira, e religiosamente ajoelha na arena, e desamparadamente tomba na areia.

E a multidão delíria, rouqueja, embriagada pelo vinho generoso do entusiasmo. *Cañero* não é um homem. Naquele momento, sob as *hossanas* da vitória, a alma espanhola sagra em *Cañero* o deus verdadeiro. Porisso lá diz a cantiga:

El arte de los toros he bajado del cielo

A BAIXELA GERMAIN

O leitor sabe decerto da existência no nosso país d'este famoso espécime da arte de ourivesaria francesa do século XVIII, mas sabe d'êla apenas de outíva, sem nunca lhe ter lobrigado uma só peça, — a menos que, pertencendo ao alto funcionalismo do Estado, tenha já tido algum dia a dita de receber e aceitar convite para qualquer dos banquetes oferecidos pela Presidência da República e servidos na preciosa baixela. Se este caso se deu alguma vez, — feliz mortal é o leitor, e tanto mais feliz se, devoto de Brillat-Savarin, é também dado aos prazeres estéticos, pois pôde, de perto e à vontade, passear os olhos nesses tesouros artísticos, ao mesmo tempo que ia saboreando nalgumas das suas peças os deliciosos manjares que não escasseiam nos ágapes oficiais!

Mas como com a maioria do público assim não sucede, a nossa revista julgou interessante facultar-lhe a visão de tal maravilha, ainda que somente por meio de reproduções dalgumas das suas mais formosas jóias, reproduções, todavia, com a nitidez que permite avaliar a originalidade e a opulência ornamental dessa obra, de tanto realce no património artístico da Nação.

E, aproveitando o ensejo para fornecer alguns ligeiros dados históricos sobre o esplêndido serviço de mesa que ostenta o orgulhoso punção dos Germain, mui célebres aurífices da França, não nos podemos eximir a lamentar que elle continui sujeito a danos e extravios de cada vez que é utilizado nos referidos banquetes, em vez de estar definitivamente entregue a estima e aos cuidados de conservação do Museu Nacional de Arte Antiga, como coisa monumental que é, para ali ser patenteado, com os devidos resguardos, aos olhos de toda a gente que ama o Belo artístico. Admitimos que o Estado tenha mister de im-

primir às suas festas certo aparato e certa sumptuosidade, mas para isso não é indispensável recorrer ao que, pela sua raridade e pelo seu altíssimo valor, deve estar afastado de toda a função utilitária. Com meia centena de contos e honrando o préstimo dos ourives portugueses, que hoje, como sempre, se distinguem por uma pericia admirável, bem poderia o Estado português munir-se, para os seus banquetes officiais, de outra baixela, mais modesta mas não destituida de carácter artistico, e até com a vantagem de mandar gravar nela os emblemas próprios do regime, fugindo d'este modo ao anacronismo a que o forçam os que a colecção chamada Germain, como encomenda da realza que foi, ostenta.

Nos tempos derradeiros da monarchia só em solenidades excepcionalíssimas a baixela era chamada a servir, perante o que mais estranho se torna que hoje com tamanha frequência se vá tirá-la do seu remanso, trazendo-a em constante perigo, entre mãos inábeis e descuidosas da sua singular valia.

Se bem que só no reinado de D. José fôsse recebida e paga, atribui-se a encomenda desta baixela a um dos muitos caprichos de magnificência que celebrizaram D. João V.

A correcção de desenho que distinguia o processo de Thomás Germain é patente na maioria das suas peças e mostra que aquelle grande artista da ourivesaria francesa a concebeu no periodo áureo do seu talento. E da linha das esculturas que a ornamentam há quem afirme que só poderia sair do cinzel do «Phidias francês» ou seja Pigalle, a quem M.^{tes} de Pompadour tanta protecção dispensou.

As peças que na baixela apparecem com a assinatura bem expressa ou, pelo menos, com o

punção de François Thomas Germain formam um conjunto que excede talvez muito mais de um milhar, o que é verdadeiramente assombroso, tanto mais se recordarmos que as obras d'este ourives que ainda apparecem no mercado são raríssimas, devido à bem pouco feliz medida que, já tomada por anteriores monarchas francezes, Luis XV reeditou em 1756: mandar entregar à fundição todos os objectos de prata.

A peça principal da baixela é o centro de mesa, que mede de altura o.^{ms}85, de comprimento 1.^{mo}10 e o.^{mo}80 de fundo. São admiráveis os galgos que repousam na sua base e o grupo de amores que brincam no tópo da urna central, cujos baixos-relievos, de finissimo cinzelado, apresentam motivos cinegéticos.

Umas de prata branca, outras de ouro e outras doiradas, todas as peças da colecção são de excelsa formosura, cabendo menção especial, já que não pode ser tudo aqui recensado, às terrinas, às grandes taças cobertas, cujas tampas levantam a corôa real e deixam pender grinaldas de flores, às d'ôze serpentinhas de cinco lumes e mais onze de quatro lumes, e ainda aos cestos para pão, bem como às duas chaleiras que figuram chinezes.

Mas nas peças pequenas o mesmo extraordinário cunho de arte se mantém. Saleiros, molheiras, os galheteiros em forma de barcos, os jarros, os bules, as mostardeiras, tudo, em resumo, nos faz ficar extasiados diante da esplendente constelação de preciosidades, que o insigne Germain, duma estirpe egrégia de ourives, fabricou para a côrte portugueza e que só teve concorrente, e ainda assim mesmo deixando a nossa superioridade, noutra que pertenceu à Casa Imperial da Rússia.

Ao sr. dr. José de Figueiredo, illustre director do Museu Nacional de Arte Antiga, deve a *Illustração* os melhores agradecimentos por todas as facilidades que nos concedeu para podermos fotografar com todo o cuidado as peças que reproduzimos.



Um aspecto da sala do Museu Nacional de Arte Antiga, onde estão actualmente expostas algumas peças da baixela. Ao fundo, uma tapeçaria D'Aubusson, século XVII

ARTE PORTUGUESA

JOSÉ DE FIGUEIREDO E A SUA OBRA

O Museu Nacional de Arte Antiga, tal como se encontra, na magnífica ordenação das suas salas, na disposição valorizadora dos seus quadros, no elevado ambiente estético e cultural que o envolve, é obra do seu actual e eminente Director. A José de Figueiredo devemos, com efeito, a transformação do velho Museu de Belas-Artes no instituto artístico de feição europeia, que é hoje o palácio seiscentista das Janelas Verdes. O Mestre muito ilustre, Joaquim de Vasconcelos, o verdadeiro fundador da História da Arte em Portugal, escreve algures, referindo-se a José de Figueiredo: — «São conhecidos de todos os seus valiosíssimos serviços no lugar de Director, que tão dignamente ocupa», acrescentando que a sua «directão activa e inteligente tem enriquecido» o Museu.

José de Figueiredo é, de facto, uma das mais altas e nobres figuras do Portugal contemporâneo. A missão patriótica por ele empreendida — e a que Luciano Freire, no recolhimento da sua oficina («um dos primeiros hospitais de quadros que há no mundo»), deu o necessário e admirável complemento, tornando-se, assim, crêdor também do reconhecimento de nós todos, — é de proporções tão vastas e dum tão excepcional alcance que só no futuro poderá ser com rigor avaliada, quando as perspectivas do tempo facilitarem a apreciação integral dela.

Para a maravilhosa reconstrução espiritual da Grei trouxe José de Figueiredo materiais do maior preço, e com eles tem trabalhado como obreiro de exemplar devoção e diligência rara. E quando os netos dos portugueses de hoje recolherem os frutos da campanha de *reintegração nacional* de que os nossos dias são espectadores inconscientes, o perfil dêste crítico ilustre, dotado, simultaneamente, de preciosas e invulgares aptidões orgânicas, que dele fazem um dos poucos *visuais* de reputação mundial (entre muitos outros, o americano Berenson e Hulin de Loo, o abalizado Director do Museu de Gand, consideram-no um dos raros historiadores que tem a visão directa e segura da obra de arte), e duma poderosa cultura, variada e intensa, que, na opinião de Salomon Reinach o coloca «en première ligne parmi les savants portugais», avultará com o relevo merecido e será então louvado o seu magnífico esforço criador.

Em *A Poesia dos Painéis de S. Vicente*, o grande poeta Afonso Lopes Vieira salienta «que fomos todos educados a acreditar na incapacidade pictórica da nação e na desolação de crer que os portugueses jámais haviam trasladado às pranchas de carvalho ou de castanho a sua impressão característica, nacional, inconfundível, da mais pintora das luzes, que é esta luz de Portugal... Por isso, o conhecimento directo dos nossos primitivos dos séculos xv e xvi, a verificação da existência duma Escola Portuguesa de Pintura e a identificação e agru-

pamento das obras dos mais notáveis pintores dessa época representam uma conquista nacional tão transcendente e uma tão bela ampliação das nossas possibilidades espirituais, que bem se pode definir tão milagroso feito como o acontecimento mais importante que, nos domínios da alta cultura e do nacionalismo consciente, o século xx ainda nos deu. Ante a desconfiança de uns, a incredulidade de outros,



a reserva de muitos, José de Figueiredo fez surgir aos olhos da Nação uma das mais puras glórias do seu passado: — as tábuas quatrocentistas e quinhentistas que um desleixo sem nome havia feito desdenhar. Obra de «alta erudição e de excepcional intuição», — assim a definiu um dia o ilustre Mayer, Director do Museu de Munich.

Foi necessário que vozes estranhas se erguessem a coroar de palavras justas a tarefa de José de Figueiredo para que os portugueses reconhecessem o tesouro incalculável que ela lhes havia restituído e aprendessem a amar a formosa lição e o supremo encanto que êsses painéis exalavam. Beruete y Moret não hesitou em afirmar que a Nuno Gonçalves — que «no se parece a nadie» — se deve ir buscar a origem da grandeza pictural da Península; D. Elias Tormo, sentindo a influência dos nossos pintores sobre os de Castela, reconheceu que nos fidalgos de Velasquez se devem vêr «ñõ hidalgos à espanhola, mas fidalgos à portuguesa»; a Frey Carlos chamou Justí «le mai-

tre des belles draperies»; homens da envergadura mental de Salomon Reinach, Dieulafoy, Friedländer, Venturi, Cossio, Gomez Moreno, Ramón y Melida, Sanchez Canton admiraram sem reservas a individualidade bem marcada da nossa pintura primitiva; e o insigne Bertaux, o inegalável crítico da arte peninsular e que a José de Figueiredo chamou «un *connaisseur eminent*», teve para Nuno Gonçalves — depois de o haver classificado como «um dos maiores retratistas de todos os tempos» e «um mestre que deve tomar lugar na história ao lado dos maiores», — as expressões definitivas: — «Este Português soube pintar a óleo as suas figuras de grandeza natural com uma franquesa e perfeição que nenhum dos seus contemporâneos atinge, em Espanha, na França ou na Itália. Iguala os mestres flamengos pela maneira como dá os estofos preciosos e as armaduras reluzentes, e ainda pela acentuação implacável dos seus retratos viris. O branco das vestes dos monges ajoelhados num dos batentes do triptico dos Príncipes é um dos milagres da pintura primitiva».

Quando, num golpe de génio, José de Figueiredo sentiu, por debaixo das camadas de tinta repintada que desfiguravam as tábuas de S. Vicente, o sortilégio da primitiva côr e a grandeza sem par das figuras ocultas, deu-se o mais belo e decisivo passo para a afirmação da Escola de Pintura Portuguesa, ao mesmo tempo que solenemente se fixava um novo e sagrado motivo da nossa autonomia. Os achados subsequentes fôram a constante dilatação dêsse horizonte tão inesperadamente revelado. E a Europa culta, proclamando o direito de Portugal se considerar a terceira potência pictural do mundo, com a Itália e as Flandres a anteporem-se-lhe sómente, rendia tributo de admiração a um dos maiores portugueses dos nossos dias.

Apraz-nos registar — para encerrar este breve comentário, — algumas autorisadíssimas palavras que nos chegam de além fronteiras.

Discordando de certa opinião de José de Figueiredo, Sanchez Canton, sub-director do Prado, não se eximiu a escrever: — «*Cumple declarar en el comienzo la admiración y el respeto que merece el Sr. Dr. José de Figueiredo; lo que en el estos apuntes haya de útil y apreciable es mero extracto de su obra; las hipótesis que contrarian las suyas son atrevimientos de discípulo mal hallado con la quietud de la cosa juzgada; al exponerlas, se busca la réplica, y se pide perdon de la audacia.*» E D. Elias Tormo, Professor de História da Arte na Universidade de Madrid, confessou que «o Portugal dos Descobrimientos é, graças aos trabalhos de José de Figueiredo e à sua visão, uma nação ainda maior, iluminada como ela nos aparece agora nessa época pelo génio inconfundível dos seus artistas excepcionais.»



Livros e Escritores



A coe-nos à lembrança a história de Ingres e do seu violino sempre que um homem de letras, depois de firmar, através de muitas e sucessivas obras, a sua reputação num único gênero, aparece de súbito a manifestar-se em campo, senão mui distante, ao menos limitrofe daquele em que conquistou glória e fama.

Confessamos que foi nesse suspeito estado de espírito que abrimos o livro *Cartas de torna-*



Eugênio de Castro

-viagem de Eugênio de Castro, príncipe da poesia portuguesa contemporânea, admirável cizelador dos *Oaristos*, das *Horas*, do *Sagramor* e da *Belkiss* e de tantos outros poemas, de superior beleza na inspiração e no requintado recorte da frase, esta denunciando um paciente e apaixonado labor de joalheiro.

Porém, vencidas as primeiras páginas dessa colectânea de crônicas — trata-se de um feixe de artigos que durante o espaço de dois anos o poeta foi publicando num grande periódico argentino — o aludido sobressalto que em similares circunstâncias raro nos deixa de acometer abandonou-nos logo e sem custo, embora se nos não desfizesse de todo a impressão de que a prosa de Eugênio de Castro está para a sua arte poética exactamente nas condições em que a música estava em Ingres para o seu pincel de famoso artista: se o violino de Ingres não desafinava, a prosa de Eugênio de Castro também não nos causa desgosto.

Explicando o título da obra, diz o autor no prefácio: «De *torna-viagem* se chamava antigamente aos vinhos generosos que, de Portugal exportados para o Brasil e não tendo lá encontrado colocação remuneradora, voltavam à pátria onde as bôcas e as narinas experimentadas

neles surpreendiam considerável aumento das suas melhores e mais características virtudes, sabor e perfume. As cartas que constituem este volume foram escritas em português para um dos maiores periódicos do globo, *La Nacion*, de Buenos Aires, e aí publicadas em espanhol. São cartas, pois, que, como o vinho de *torna-viagem*, foram do Velho ao Novo Mundo, donde, depois de lá terem sido vertidas para a língua de Cervantes, voltam aos pátrios lares e aparecem em público na sua forma primitiva.»

A Sabugosa e Junqueiro se refere a crônica inicial do volume, havendo nas páginas d'este mais alguns ensaios de crítica literária, relativos a Cesário Verde, António Sardinha e Teófilo Braga, que, para nós, constituem o que há de mais notável no livro. Noutros trechos o autor fala das belezas naturais da nossa terra e da riqueza arquitectural dalguns dos seus monumentos, descrevendo visitas que fez a Aveiro, a Tomar, a Elvas e outras localidades.

De quando em quando a graça salpica de leve estes trechos, e a frase sente-se incendiada de entusiasmo, quando o assunto é de molde a interessar a sensibilidade do autor. Mas quem estiver fazendo a leitura do volume com o sentido ainda cheio das emoções artísticas que os trabalhos poéticos de Eugênio de Castro outrora lhe insinuaram, não poderá eximir-se a, amiude, perguntar a si próprio, quasi desconsolado: mas porque razão, porque estranha penitência, o aristocrático talento d'este primoroso artista, que antigamente só nos aparecia vestido de ritmos que formavam um sumptuoso brocado de palavras, agora nos surge envolto em linguagem que, em face daquela, nos traz a idea a rude estamemha de que se vestem pastores?

Se Gustavo de Matos Sequeira abordasse os assuntos dos tempos idos somente apetrechado do seu saber de arqueólogo, que é copioso, ressentir-se-iam mui naturalmente os seus escritos do cheiro de bafo que, por via de regra, de tais assuntos se desprende. Mas elle, se tem a erudição de arqueólogo, possui também a sensibilidade de um artista, de sobra documentada nos trabalhos literários de multifacetada indole que tem subscrito. Há então, sobretudo, nêle uma especial percepção daquilo que interessa ou deixa de interessar ao público de hoje quanto ao que respeita à vida que as excavações no passado permitem descobrir e agitar. E disto resulta que os seus escritos são sempre atraentes, já pelo estilo desafectado mas brihante, já pela curiosidade dos assuntos.

O seu mais recente trabalho d'este gênero, que estamos tentados a classificar de jornalismo retrospectivo, intitula-se desta bizarra e longa maneira, a que não falta sabor de antanho: «Relação de vários casos notáveis e curiosos sucedidos em tempos na cidade de Lisboa e em outras terras de Portugal, agora reunidos, commentados e dados à luz por Gustavo de Matos Sequeira Olissiponense».

Trata-se de um cuidado volume de duas centenas e meia de páginas em que o autor enfeixou vários dos seus artigos que, andando dispersos por revistas e jornais, continham matéria relativa aos séculos passados, à sua história anedótica, às suas figuras típicas, aos seus episódios de natureza risonha e aos seus costumes pitorescos.

Escritos todos os seus capitulos com leveza que não exclui elegância e erudição que não importuna por excessiva, encontramos neste volume estudos que oferecem leitura deliciosa, tais como o que versa a devoção do «Menino Jesus», e outros relacionados com este, pelo que elles desvendam da vida monástica, com pormenores que nem sempre abonam o zelo religioso de certas freiras, aquele que trata dos *letreiros célebres*, o outro que fala dos *aeronautas e balões*, desfazendo de vez a lenda de



Gustavo de Matos Sequeira

ter sido um português o inventor da locomoção aérea, e ainda o que desenrola a história dos *sinos de D. João V*.

Citámos ao acaso, porque, em boa verdade, este livro é todo curioso, de ponta a ponta, e quem se embrenhe nas suas páginas não perderá o seu tempo, se, a par de se entreter, quiser adquirir conhecimentos sobre o Portugal setecentista e oitocentista.

Fernanda de Castro, um dos mais bem dotados temperamentos da moderna pléiade de poetisas da nossa terra, abandonou por instantes o seu viçoso horto de rimas, indo lançar semente no rincão da prosa. Que os deuses lhe foram propícios no cometimento, prova-o o volume *Mariazinha em África*, romance destinado aos leitores infantis, pelo que se mostra obediente em tôdas as suas páginas aos requisitos de tal género de literatura: intenção educativa e simplicidade na linguagem e no assunto.

Narrando aventuras das mais curiosas, uma característica, sobretudo, aparta este livro de a chusma de obras para as crianças que os prós teem desentranhado nos tempos últimos: a originalidade do entrêcho, que nos põe em contacto com a exuberância da paisagem da terra negra e com o exotismo dos costumes dos seus nativos.

Se nos lembrarmos de que Portugal carece de colonos para a fecundação das riquezas virgens dos seus vastíssimos territórios ultramarinos, — a sugestão que o romance de Fernanda de Castro encerra impor-se-nos-á como de singular oportunidade. Pois não é certo que é necessário ir habituando os portugueses, desde as idades tenras, através de os compêndios escolares e através de os livros de recreio que lêem no lar, à curiosidade e à simpatia pela vida dessas paragens longínquas, que, afinal, são tão dignas do nosso esforço como a terra metropolitana? Doutrino modo, persistindo em educar os nossos filhos num ambiente saturado de receios perante a suposta malignidade do seu clima e a neurasthenizante monotonia da existência que lá é permitido levar, — um dia virá em que as colónias portuguesas terão somente estrangeiros a habitá-las.

A poetisa inspirada da *Ante-Manhã* e da *Cidade em flor* escreveu, portanto, um livro interessante, que tôda a gente miúda deve ler, tanto mais que o atractivo do seu texto obteve reforço nas ilustrações de Sara Alfonso, de gosto modernista que se livrou de cair em rebuscadas extravagâncias.

A história de Portugal carece de ser submetida a rigorosa revisão. Muitos são os espiritos, e dos mais lúcidos, que se pronunciam a favor de tal reforma, que a deverá aliviar das tantas causas de êrro de que enferma. Pois não é ponto assente que a fantasia, a mera fantasia, influiu muito na forma como nos apparecem narrados bastantes dos seus factos? Quando tudo quanto nas suas laudas de bronze fôsse inscrito deveria ser a resultante da séria análise dos documentos, o que, afinal, aconteceu foi a lenda muito amiude acercar-se de quem a elaborava, segurando-lhe a mão e obrigando-lhe o calamo a descrever caprichosos arabescos, lindos mas falhos de rigor.

Para se dizer coisa que bem fira a nota da leviandade com que tem sido construída a história portuguesa, lembre-se isto: Oliveira Mar-

tins e Pinheiro Chagas, talentos, aliás, de primeira água e inteligências de alto vôo, foram ambos historiadores — mas quasi sem nunca terem posto pé num arquivo!

Alexandre Herculano, Gama Barros e outros meteram ombros à tarefa, sem dúvida formidável, de derruir parte dessa história, para a reconstruir depois, sobre alicerces mais seguros. E muito há já feito nesse sentido, mas muito mais ainda por fazer.

O dr. António Ferrão votou também a sua intelligência clara e a sua perseverança de estu-



António Ferrão

dioso a essa faina ingente. Há já anos que o vemos consumir as horas dos seus dias nos arquivos, investigando sem repouso, extraindo de inexplorados mananciais o forte material para os caboucos da verdadeira história da Nação portuguesa. Primeiramente, trabalhou apenas por iniciativa própria; agora é o Estado que o traz incumbido dessa função, cujos proveitos para a colectividade já tanto avultam na nossa bibliografia.

O seu último trabalho é um grôso volume de perto de quinhentas páginas, intitulado *A 1.ª Invasão Francesa*.

Dando a maior importância ao documento, sem o qual, insiste êle sempre, é impossível fazer história, o autor dividiu esta obra em duas partes, a primeira das quais é preenchida por um curioso estudo do ambiente social no nosso país e, principalmente, em Lisboa, durante o período do governo de Junot. Tôdas as asserções dêste estudo, escrito em linguagem muito nítida e elegante, se baseiam no produto de investigações conscienciosas, pelo que nos merecem todo o crédito. E, para definitiva emenda, daqueles que temem que esta revisão scientifica, documental, da nossa história venha desfalcá-la de beleza e de esplendor, — aqui temos um exemplo flagrante do contrario: dêstes documentos resalta uma esplêndida lição de patriotismo. Junot e a sua gente não encontraram no nosso povo senão sentimentos adversos, que vieram mais tarde a expodir, motivando a libertação pátria!

A segunda parte compendia os relatórios e os

boletins dos dois Intendentes da Polícia dêsse tempo: o desembargador português Lucas de Seabra da Silva e o general francês Pedro Lagarde. Anotada profusamente nos pontos mais significativos, a sua leitura não raro poderia fornecer assunto a dramaturgos e romancistas, pelo patético de episódios a que alude.

Escutando este grosso volume, mais três opúsculos da mesma autoria nos chegaram as mãos: dois duma série de *estudos pombalinos* e o outro integrado na colecção dos *Portugueses Ilustres*, que já contava estudos sobre Gomes Freire e Maria Amália. No primeiro daqueles, *O Marquês de Pombal e os Meninos de Palhavã*, podemos conhecer as verdadeiras causas do conflito ocorrido, em 1760, entre o célebre ministro de D. José I e os filhos bastardos de João V, que o vulgo apelidava pitorescamente *Os Meninos de Palhavã*. No segundo, *A reforma Pombalina da Universidade de Coimbra e a sua apreciação por alguns eruditos espanhóis*, tomamos largo conhecimento de quanto foi importante o esforço do Marquês de Pombal para o aperfeiçoamento dos nossos métodos de ensino superior. Quanto ao tômo dos *Portugueses Ilustres*, as suas páginas são consagradas a encantar António Cândido como pensador, aproveitando o ensejo para fazer um esdôrço do estado da filosofia em Portugal no século XIX e rebater a generalizada afirmação de que o temperamento português é incompatível com tal espécie de actividade mental.

Em suma, o dr. António Ferrão, além de tudo, desmente de sobra, pela admirável tenacidade do seu esforço, aqueles que apodam de indolentes os individuos da nossa grei.

O sr. Jaime de Balsemão tem no seu livro *Alguns Alfacinhas* uma série de *pochades* que se leem com curiosidade, se bem que não raro nas suas páginas encontremos pontos obscuros e também atentados contra as normas de bem-escrever. O que caracteriza os trechos que formam o volume é a intenção caricatural, que, por não ser dos predicados mais triviaes nos nossos escritores, o autor não faria mal em desenvolver e aplicar em obra de maior vulto, ou, pelo menos, mais esquivada ao aspecto de desconexos retalhos que esta apresenta.

Oliva Guerra alcançou um amplo triunfo com o seu volume *Encantamento*, de que em breves semanas viu o primeiro milhar completamente exgotado. Nova edição veio já a lume, e isto é tanto mais digno de registo quanto é certo que, tanto no conteúdo como no titulo, não há no livro desta poetisa nada que se pareça com os processos arteiros de fisgar a atenção do público, por meio de titulos suspeitos, adrede escandalosos, de que estão lançando mão, com desbragada insistência, certos autores e, principalmente, certas autoras.

TEATRO DE FANTOCHES

Não sei se vocês, amigos, se recordam de, quando moços, o profundo isolamento a que éramos condenados todos os que amávamos os livros. Refiro-me, é claro, aos belos livros inuteis — de versos, contos, romances — pois quanto aos outros, aos livros da aula, todos nós, sem distinção de gostos ou tendências, felizmente os odiávamos com aquele sagrado instinto que obriga a afastar as coisas puras, que são as almas dos rapazes, das coisas sujas que são, quasi sempre, as almas dos compêndios.

Lembro-me ainda, no liceu da provincia que frequentei, quanto éramos troçados, os que chamamos Camilo, pelos camaradas que iam Montepin! Altas questões literárias que às duas por três, degeneravam em sopapo rijo, o que era optimo, pois nada há, naquela idade, para fazer grandes, bons e leais amigos, como uma grande, boa e leal briga. Ricos tempos!...

E benéfica nos foi essa perseguição, pois dela resultou, como sempre aconteceu com todas as perseguições, que mais apaixonado se tornou o nosso amor, mais se exaltou nossa religião da Beleza, e aquele intimo desprezo, que Wilde justamente aconselha, «por tudo que a existência tem de comum e de ignóbil, aquele feliz humor que nos torna aptos a ver a vaidade e a tolice em toda a opinião pública, em todo o publico julgamento, sobre as maravilhosas coisas da Arte». E, ajunto eu, — sobre todas as coisas... Mas, em verdade, não deixava de nos ser profundamente doloroso esse forçado isolamento, armados, aos quinze annos, em espiritos solitários, o que, em legitima deafeza, nos transformava, por vezes, em ridiculos e insupportáveis pedantes... Assim — vocês lembram-se? — constituíamos uma espécie de *maçonaria*, e tinhamos immediatas perguntas que eram como ratoeiras armadas aos desconhecidos, não fôssemos dar com algum hereje como, por engano, tanta vez acontecia. Eu, cá por mim, perguntava sempre: O que preferes tu do Junqueiro? A *Morte de D. João* ou os *Simples*? E se o camarada preferia entusiasticamente o *D. João*, estava descoberto, não era da grei: amava a retórica, não amava a Poesia. E o caso é que nunca me enganei.

Pois hoje, amigos, ainda tenho uma grave pergunta, que faço sempre ao meu semelhante se acaso me apraz saber se, lá no fundo da alma, encontrarei acorde para a minha simpatia: uma pergunta que tem um ar inocente, mas que é uma pergunta terrivel, porque, segundo a resposta, divide logo os homens em duas classes distintas, ia a dizer: em duas espécies diferentes. A pergunta que eu solenemente formulo, é: Gosta de Fantoques? Se o homem diz que sim, já sei que, seja qual for sua intelligencia e cultura, sua politica, moral ou religião, nos poderemos entender perfectamente. Estou falando sério. E digo mais: Quando eu morrer e, claro, tiver de me apresentar, tremendo, ante o Grande Julgador, ante Aquele que há-de pesar na terrivel Balança todos os meus actos bons e maus, — ante Monsieur Anatole France — lá, junto do seu Trono, cercado pela corte de seus brilhantes e ironicos Arcanjos, quando eu vir um dos pratos do aparelho descendo infinitamente sob o péso bruto destas minhas crônicas — dir-lhe-ei: «Senhor! é verdade que em vida eu jámais soube escrever, e é também verdade, que fatiguei sempre os leitores da *Ilustração*, o que é um mal, e que jámais soube encantar as leitoras, o que é bem peor. Para este ultimo crime, eu sei bem que vos sereis implacável. Contudo, Senhor, eu creio ser digno da vossa misericórdia: em toda a minha vida terrena, desde menino e moço até a hora da minha morte, com enternecido, profundo e sério amor, eu amei os Fantoques. E eu fui sempre, Senhor, o leal amante das belas Marionetes! Venha pois a mim, Senhor, o vosso reino.» E eu serei salvo.

Eu serei salvo porque é este um grande sinal da minha simplicidade, e também da minha virtude em saber conservar através duma vida de culpas, faltas e negrissimos pecados, uns restos da innocência das crianças, dos selvagens e dos bichos. E mesmo isto dos bichos, digo-o sem orgulho, sem a menor intenção, leitor, de te ofender. Digo-o porque é verdade. Neles descobriu um grande santo, espiritos de religião e de piedade. O melhor e mais belo Santo de toda a Cristandade, Aquele de quem Antero disse que era um dos *nostros* e que Dário pintou:

*El varon que tiene corazon
De luz,
Alma de querube, lengua celestial,
El minimo e dulce Francisco d'Assis*



E se o leitor pensa que nossos irmãos, os bichos, não gostam de Marionetes, não pensa bem. Pergunte áquella Dama, áquella Dama que só nós sabemos, se não é amada e adorada pelo seu caniche...

Sim, eu amo os Fantoques e o seu admirável Teatro. Eles têm, sobre os actores de carne e osso, já o escreveu um grande poeta e dramaturgo, numerosas vantagens:

Não dicitem nunca. Não têm sobre a arte opiniões rudimentares. Não têm uma vida privada. Ninguém nos fatiga com a descrição das suas virtudes, nem com a denuncia dos seus vicios. Nunca dizem nada mais nem nada menos do que aquilo que lhes dão para dizer. Submetem-se inteiramente á autoridade intelectual do autor dramático. São admiravelmente doces e não têm espécie alguma da personalidade...

São, como os deuses, inteiramente feitos á nossa imagem e semelhança. Não vivem como nós e, contudo, vivem. Vivem da vida dos deuses imortais. Sem dúvida, nada há de humano nestes personaginhos de madeira ou cartão; mas há neles qualquer coisa de divino, por muito pouco que seja. Eu creio na alma imortal do Compadre Roberto. Eu creio na Magestade das Marionetes. Pois não é certo que elles, os bons Fantoques, lembram os pequenos idolos da anti-

guidade? Assemelham-se ainda mais ás grosseiras figuras com que os selvagens tentam representar o invisivel. Como não há-de assemelhar-se aos idolos, se, elles próprios, são verdadeiros idolos?

A sua função é absolutamente religiosa oferecendo ás crianças a única visão da divindade que lhes é intelligivel. Pierrot e Polichinelo contam tanto de antropomorfismo divino quanto podem conceber cérebros apenas formados e já terrivelmente activos. São o Hermes e o Zeus dos vossos bebês. Depois, devemos ser-lhes gratos, especialmente gratos quando substituem nos palcos os nossos actores vivos.

Onde uma grande actriz, ficará pequena, a pequena Marionete será grande, por que será simples. Para representar os fortes sentimentos ela empregará um limitadissimo número de gestos. E é este um dos segredos da sua superioridade. De resto só ella hoje saberá exprimir o sentimento religioso. E, se eu disser isto a uma gentil Fantochina, ella compreenderá. Porque é mais fácil fazer entrar uma idea de arte, um elegante e nobre pensamento na cabeça de pau duma Marionete do que no cérebro duma actriz da moda.

Porque não dizer tudo o que penso? Os actores estragam-me a Comédia. Refiro-me aos bons actores. Com os outros ainda conseguiria entender-me. Mas são os nossos excellentes artistas que, decididamente, eu não posso suportar. O seu talento é enorme: Cobre tudo. Não há senão elles! As suas pessoas apagam as obras. São consideráveis.

E eu quereria que um actor fôsse considerável só quando tivesse génio. Mas isto vem talvez de eu não fazer idea alguma do que seja o Teatro. Eu só quero falar de Fantoques.

Para os amar é preciso um vivo gosto e mesmo um pouco de veneração. A Marionete é Augusta: saiu do santuário. A Marionete ou *Mariola* foi originariamente uma pequenina Virgem Maria, uma imagem piedosa. Em França, a rua de Paris onde outrora se vendiam estas figurinhas, chamava-se rua das Marietas ou das Marionetas. E o critico Magain que o diz, Magnin o sábio historiador dos Fantochinos, e não é absolutamente impossivel que elle diga a verdade, pôsto não seja esse o costume dos historiadores. Trouxe-os de Italia para a sua corte de França, onde logo fizeram successo, a bem temente Catarina de Médicis. A mão que fazia mover os Fantoques era a mesma que matava os protestantes. Pois não lhes dizia eu que elles tinham uma origem sagrada?

Na velha Espanha, na ardente patria das Virgens com vestidos que lembram abat-jours de ouro e pérolas, as Marionetes representavam mistérios e o drama da Paixão. Um artigo do sinodo d'Orhuela as proibe: *Imajunculis fictibus, mobili guardam agitation compositis, quos titeres vulgari sermon appellamus.*

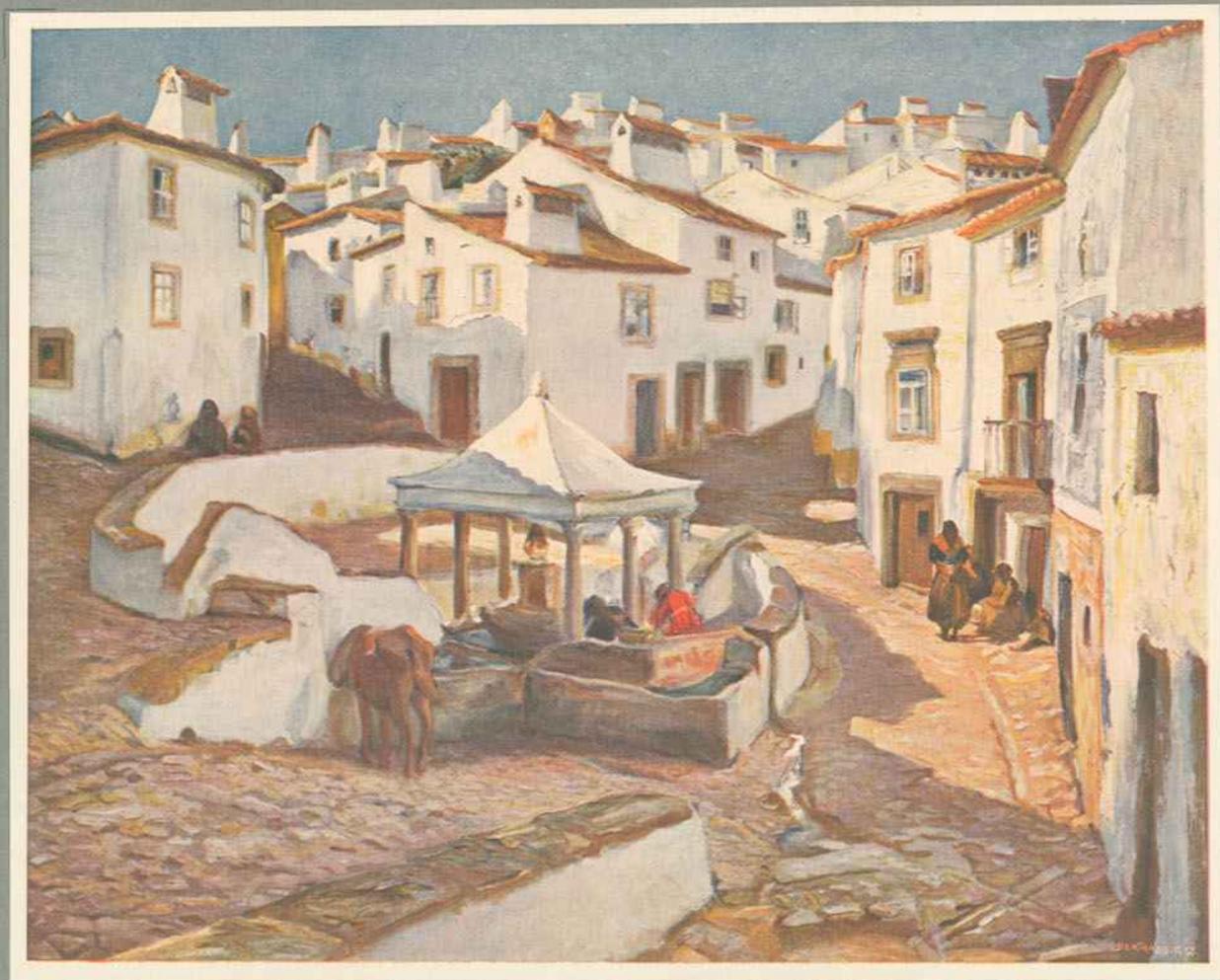
Em Jerusalem, nas grandes feerias religiosas, faziam dansar piedosamente os bons Fantoques sobre o Santo Sepulcro. E assim na Grécia, sobre o altar de Dionisios, e assim em Roma e na Gália cristã.

Mas o leitor deve já estar a esta hora assombrado com a minha erudição e com as raridades de minhas filosofias. Quanto daria o leitor para saber todas estas coisas, e dizê-las assim com esta naturalidade, sem o menor esforço literário, como quem bebe água?... Gostava muito, não é verdade? Pois, também eu.

Porque tudo ou quasi tudo o que aqui vê, o aprendi com o sr. Anatole France, que, lá o diz o Bernard Shaw, sabia mais do que muita gente imagina. Que elle me perdoe o que, na versão, minha pena inhábil rompeu, estragou, empalideceu...

Mesmo assim, sinto que é a mais bonita crônica que tenho escrito na minha vida.

FREI CARLOS.



SOUSA LOPES—Castelo de Vide—A fonte da vila

UM INEDITO DE GARRETT

PREFÁCIO

A 14 de Outubro d'este ano de 1926 completa-se um século sobre o nascimento de António Pedro Lopes de Mendonça. Este nome, hoje quasi apenas lembrado pelos historiadores da literatura portuguesa, é contudo dos que maior brilho alcançaram na pleiade romântica, na esteira de Garrett e Herculano, ombro a ombro com os



ANTÓNIO PEDRO LOPES DE MENDONÇA
Segundo um daguerreotypo

mais illustres dos seus seguidores. Criador do folhetim em Portugal, renovador da critica litteraria, fantasista e historiographo notável, fogoso paladino da democracia, elle preencheu uns escassos 39 anos, ainda cercado por um dilatado periodo de treva cerebral, com uma obra extraordinaria pela sua precocidade, pela sua extensão, pelo seu esplendor. Infelizmente, esgotadas que foram as suas remotas edições, essa obra permanece ainda hoje desconhecida pelo grosso do publico.

Apenas um dos seus livros, o romance *Memórias de um doido*, mereceu há anos os desvelos de um editor mais aventureiro. E no entanto as suas *Recordações de Itália* alcançaram de Herculano um encomiástico paralelo com as *Viagens na minha Terra*; as *Memórias da Literatura Contemporânea* marcam uma clarividência aguda de critico; os folhetins da *Revolução de Setembro* representam uma lucida documentação da nossa vida intellectual e social no século XIX; os estudos históricos, dispersos pelas coleções académicas, são ainda hoje dignos da consideração dos eruditos.

Oportunamente tentarei elevar à devida altura a memória d'esse meu insigne consanguíneo. Por agora, para iniciar as recordações que deve evocar o seu nome, quero fazer uma colheita entre as numerosas cartas que ao juvenil escritor foram dirigidas pelos homens mais conceituados do seu tempo. Nessa correspondência autographa, que a mão piedosa da viuva e do irmão compilou em volume, deparam-se, além de muitos outros, os nomes de Garrett, Castilho,

Camilo, Latino Coelho, entre os homens de letras, José Estevam, Passos Manuel, Rodrigues Sampaio, entre os políticos.

E por uma carta inédita de Garrett que vou principiar. Não é ella datada, mas pelo conteúdo se verifica ter sido escrita depois de 1848 (?), isto é, quando o folhetinista, já no auge da sua fama, oscillava entre os 22 e os 25 anos. As informações, fornecidas pelo grande escritor, vê-se que foram aproveitadas por Lopes de Mendonça no artigo sobre o *Frei Luis de Sousa*, que figura nas *Memórias de Literatura Contemporânea*, publicadas em 1855, já depois do falecimento de Garrett. Quanto às restantes considerações, ellas afiguram-se-me de grande relêvo para o estudo da vida intellectual d'este último, no periodo em que, recusando-se a envelhecer, se aproximava do túmulo.

Uma observação apenas, interessante para a biographia do folhetinista. A alcunha de *litterato*, à qual Bulhão Pato, no livro *Sob os Ciprestes*, attribui uma intenção deprimente, não poderia assumir tal significado na pena de Garrett, o qual não misturaria ao pedido de vários obsequios uma insinuação afrontosa ou pelo menos malévola. Parece que por este apodo era familiarmente tratado Lopes de Mendonça na roda dos seus amigos.

Foi decerto posterior a esta carta o episodio narrado por Julio César Machado num dos seus livros. Conta elle que uma noite, na Floresta Egípcia, Lopes de Mendonça abraçara com tal impetuosidade Almeida Garrett, que, com gáudio da turba, lhe invertera o chinó. Isto lhe tinha valido, da boca do grande poeta, o epiteto de desastrado. E parece que desde então, entre os dois, esfriaram as relações (?).

Tal esfriamento, se o houve, não derivaria antes das restrições postas por Lopes de Mendonça na sua critica ao *Arco de Sant'Ana*? Caso é este para estudar.

Mas não quero demorar a alvorçada expectativa dos leitores. Honro-me em poder dar a palavra a Almeida Garrett, mantendo o maior respeito pela sua, ás vezes extravagante, orthographia.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA:

CARTA DE GARRETT

Aquí estão meu caro Litterato, os apontamentos que me pediu.

O meu Fr. Luis de Sousa traduzido em Allemao pelo Conde de Luckner, publicou-se em Francfort com este titulo

Luis de Sousa — von — J. B. de Almeida Garrett — aus dem Portugiesischen — im's Deutsche übertragen — von W. L. — Frankfurt a. M. — Gedruckt bei August Osterricht, 1847. — Com um retrato do auctor feito sobre a lithographia bem conhecida de Guglielmi. Uma bela edição em caracteres latinos, grande 8 vo. (?).

A traducção é precedida de uma introducção em que faz demaziados elogios ao auctor, menciona as suas principaes obras e dá uma idea da sua vida gasta e lidada quasi desde a infancia nos trabalhos politicos e litterarios bem como nas fadigas patrioticas.

A traducção é exacta e fiel, e em bello stylo: tem sido apreciada altamente em Allemanha.

Não quero negar que me lisonjeou este cumprimento da patria de Schiller e de Goethe. Mas aqui não ha quem lhe importe com isso, e não tenho fallado em tal porque cuidariam que me queria dar areas.

Eu faço litteratura como faço politica (quando a faço) por amor e gosto da arte, por mais nada.

(?) Data d'este ano o falecimento da Duquesa de Palmella, a cuja huto grafia se refere Garrett na sua carta.

(?) Outra versão, acaso menos verosimil, dá Gomes de Amorim á anedota, no seu livro sobre Garrett.

(?) Com alguns erros tipographicos, é isto mesmo o que Lopes de Mendonça transcreve no seu artigo critico, a pag. 91 das *Memórias de Literatura Contemporânea*.

Dizem que eu sou incredulo, porque são patetas, e não intendem que só por muito e verdadeiramente *crer* é que se pode trabalhar toda a vida em coisas de que se não espera proveito.

Quando Adamson (o illustre biographo e commentador de Camões) traduziu em inglez os meus romances e chacaras; quando a Revista Estrangeira de Londres traduziu e annalizou outros; e emfim quando a de Edimburgo se occupou do meu auto de Gil Vicente e de outros estudos meus litterarios e politicos; teria prazer, não por mim, mas para que se fallasse no mundo civilizado d'este pobre Portugal, que muita gente cuidava não poder produzir senão Costas Gabraes — e o Constantino das flores — de Paris.

Estou escrevendo agora a biographia de Xavier Mousinho — o *dos Foraes*. Falle n'isso que me faz favor; e tambem não é por mim. Escrevi a da Duquesa de Palmella; e sinto que a imprensa se não occupasse d'ella. Até queria que *ralhasse* commigo por que alguma coisa ou outra lhe desagradasse. Eu cá sei porque queria que me ralhassem. —

Veja se o faz.

Em que trabalho sempre é na historia dos 20 anos — isto é de 1820 a 40. — E creio que lhe heide pôr um rabo-leva de 40 a 50.

Mas venha sobretudo um momento em que se faça alguma coisa n'esta terra devéras, por que antes de me fazer velho queria mostrar que nasci para melhores coisas do que para marcar o passo na semsaboria e na bestialidade



ALMEIDA GARRETT

Retrato pertencente à coleção do sr. Henrique Ferreira Lima

d'estas puerilidades ridiculas e desprezíveis em que a energia do paiz e a alma dos seus poucos filhos que a teem se está gastando. —

Adeus meu litterato, diga a J. Estevam ou ao Sampaio que eu não assigno a Revolução porque realmente não posso, mas que vejam se me mandam aqui deitar uma folha (?) por que me faz muita falta.

Amigo

J. B. de Almeida Garrett



NADA mais efêmero do que a glória das estrelas do firmamento cinematográfico. Aparte uma meia dúzia de nomes eternos, indiscutíveis, que hão de ficar como expoentes máximos da cinematografia e refiro-me a Charlie Chaplin, Mary Pickford, Lillian Gish, Victor Sjostrom, Mosjoukine, Fairbanks e poucos mais, os «star» envelhecem para a arte, sob a luz dos «spotlights», dez vezes mais do que perante a vida tão implacável e ingrata como a voga e o favor do público dos cinemas. A sua auréola de luz apaga-se depressa, depois de rapidamente ter chegado ao brilho máximo, brotando do anonimato obscuro. São «estrelas»... cadentes. Por isso, aparte os indiscuti-

transformação e surgiram os novos prodígios, Nadia Sbirskaja, Walska Gert, Dolly Davis, Raquel Meller, Charles de Rochefort, Nicole Robert, Pierrette Lugand, Genica Missirio, Lois Moran, Lucienne Legrand, Catherine Hessling etc. Para o ano que vem, o mais tardar em 1928, todos estes, ou quasi todos, estarão esquecidos. Quizeamos hoje arquivar nesta página o retrato dum desses rápidos triunfadores, o irlandês George O'Brien, que em menos de um ano chegou a ser o «star» de mais peso dos elencos da Fox e é, incontestavelmente um dos ídolos do grande público feminino que frequenta o cinema, disputando a palma de Apolo moderno, ao «star» da Metro Ramon Novarro.

Perfeito *sportman*, com uma compleição atlética que não exclui a elegância moderna da sua figura, cabeça estílo Rüdolpho Valentino, se bem que mais máscula e viril, é um actor

filme executado do lado de lá do Atlântico, deve ser talvez realizado por Clarence Brown o autor dum das obras primas do cinema moderno «Smouldering Fires» que Paris aplaudiu delirantemente sob o titulo «Une femme de 40 ans». Antes porém de ir cumprir o seu contrato, Mosjoukine terá que terminar em França um grande filme «Casanova» inspirado nas aventuras galantes do célebre abade Casanova, filme que é dirigido por Alexandre Volkoff e que será distribuído quasi simultaneamente com «Miguel Strogoff» em que também o protagonista é desempenhado pelo mesmo grande artista.

Marcel L'Herbier que abandonara há uns dois anos a sua realização de «Ressurreição» de Tolstoi, por falta de capitais, vai retomar o seu grande filme por conta dos «Films de France».

Cecil de Mille, o grande realizador de «Joana d'Arc» e «Dez Mandamentos» vai executar um novo grande filme. O nome está ainda envolto no mistério mas sabe-se que nele aparecerá a Arca de Noé e será fantasiado... o Dilúvio Universal!!...

Está assente que o primeiro filme de Emil Jannings para a Paramount, seja «O ladrão dos sonhos» encenado por Dmitri Buchowsky, o realizador polaco de «Pedro o Grande».

Uma grande firma norte-americana prepara um filme gigantesco com a novidade de ser totalmente interpretado por negros... e negras!... E existe na América do Norte, no mais alto grau, o ódio de raça!!...

Os melhores filmes da produção alemã deste ano, são: «Fausto» de Goethe, realização de Murnau e com Jannings no Mefistofeles, «Manon» do abade Prevost, com Huguette Dufflos e Jacque Catelain nos protagonistas e «Sonho de Valsa» segundo a célebre opereta de Strauss. Serão todos distribuídos na Europa pela casa francesa L. Aubert.

«Pathé Consortium Cinema» anuncia para a próxima época uma extensa lista de produções das quais destacaremos os seguintes titulos: «O Judeu errante» de E. Sile, «Miguel Strogoff» de Julio Verne, «Capitão Rascasse» de Paul Dambry, «Belphegor» de Artur Bernède, «La Glus» de Jean Richepin, «Antoniette Sabrier» de Romain Coolus, «Vertige» de Charles Méré «Ressurreição» de Tolstoi, «Mademoiselle Josette sua femme» de Paul Gavault, etc.



George O'Brien

George O'Brien e Madge Bellamy numa das cenas mais empolgantes de «Destruction» para Fox

veis, surgem todos os anos os adventícios, os que sobem e aparecem repentinamente, ocupando o lugar de outros que saem, postos de lado impiedosamente. Longe já os nomes saudosos das trágicas europeias Bertini, Menichelli, Borelli, etc., desaparecidos a seguir os primeiros nomes americanos Geraldine Farrar, Irene Castle, Mauricio Costello, Warren Kerrigan, Mary Mac Avoy, etc., estavam os pendões de glória, nos últimos anos, de posse dum geração espantosa com Rudolpho Valentino, Glória Swanson, Betty Compson, Shirley Mason, Bessie Love, Tom Mix, Jack Holt, as Talmadge, Richard Dix, Pola Negri, etc. na América, Huguette Dufflos, Catelain, Jenny Hasselquist, Elena Sangro, Soava Gallone, Andrés Habay, Wener Krauss, Liane Haid, Conrad Veidt, etc., na velha Europa. Mas nas últimas épocas surgiram os novíssimos na vanguarda e assim, na América, foram ídolos subitos Ramon Novarro, Betty Bronson, Norma Shearer, Olive Borden, Raymond Griffith, Adolphe Menjou, John Gilbert, Greta Garbo, Greta Nissen, Reginald Denny, Renée Adorée, George O'Brien, etc. Ao mesmo tempo, na Europa, dava-se idêntica

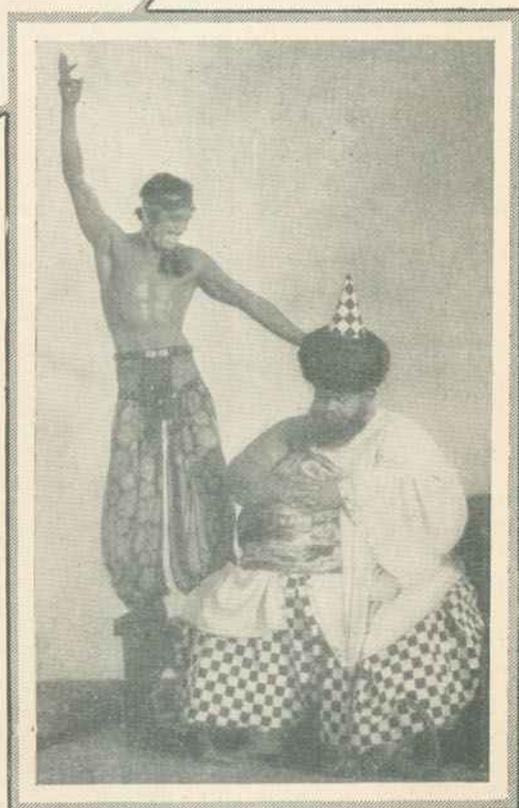
de múltiplos recursos que ultimamente alcançou triunfos seguidos em «Iron's Horse» e «Destruction», duas grandes super-produções, da segunda das quais também inserimos uma sugestiva scena.

«Napoleón» de Abel Gance, continua em plena realização e promete ser uma obra definitiva da cinematografia. Os papéis de Josefina de Beauharnais e do Marquês de Sade, serão interpretados pelos grandes artistas Djana Karena e Conrad Veidt. Já alcançou a cifra de cento e cincoenta a lista dos artistas de grande fama de todo o mundo que veem tomar parte neste filme, alguns apenas em papéis episódicos.

Ivan Mosjoukine, o grande artista russo, um dos mais admirados em todo o mundo, acaba de assinar um contrato que o liga por tres anos à grande casa «Universal». O seu primeiro



Pearl White, a popular «Perola Branca» idolo das multidões nos grandes filmes de séries e que, depois de alguns triunfos na comédia de arte, se retira dos estudos



Em «O ladrão de Bagdad» de Douglas Fairbanks, os efeitos orientalistas, ora jocosos ora finamente estilizados, dão um perfeito ambiente de contos das «Mil e uma noites»



Percy Marmont, um autêntico «az» que interpreta o protagonista da produção de Frank Borzage «Daddy's gone a hunting» tendo Alice Joyce como «Leading-woman»



Feminina



MODAS . . . O QUE É CHIC

O que é *chic*?... Tanta e tão pouca coisa!... Em primeiro lugar, *avoir l'air jeune*, condição primordial da elegância, segundo nos segreda a moda, mas requisito de tão somenos importância que nem chama uma nuvem de preocupação às frentes de vinte anos... Não é já com a mesma confiança, é certo, que as denodadas vencedoras da corrida da vida, galgada a *étape* dos quarenta, encaram a

É moda ser nova ou, pelo menos, parecê-lo... É quanto basta para que o espírito feminino tome a peito suspender o rolar pesado do tempo... Estabelecida, portanto essa primeira condição de elegância, vejamos o que a moda nos recomenda como elementos complementares de *chic*.

Primeiro: a *silhouette* esguia, leve, graciosa, sem vestígios de constrangimento, moldando de perto as linhas do corpo sem revelações grosseiras das formas. Para isso, vemos que as saias são profusamente recamadas de pregas e plissados, as quais se entrecobrem com os movimentos dando a figura uma agradável harmonia rítmica nas atitudes e no andar.

Temos em seguida a escolha das cores, que também exige profunda atenção e claro sentimento estético, porque nem todas convêm indiferentemente aos diversos tipos de beleza. Não basta que a moda manifeste a sua preferência por determinadas tonalidades, para que a mulher, ao perfilhar as simpatias da eterna volúvel, as adopte de olhos fechados, sem um prévio estudo do seu tipo de beleza e da cor que melhor lhe convém para realce. As cores que a moda acarinhava neste

momento são: azul escuro, preto, rosa, grenat, cinzento claro, verde musgo e branco. A escala, como se vê, é larga, há por onde escolher. Fugamos, portanto, desse espírito de uniformidade de mau gosto que resulta do facto de geralmente se escolher sistematicamente uma determinada cor, só porque se espalhou que essa cor era a *da moda*. E depois, nas ruas, nas salas, nos teatros, em toda a parte, enfim, onde afluem as mulheres elegantes, os nossos pobres olhos cançam-se ao encontrarem sempre em frente a tonalidade preferida repetindo-se, desdobrando-se, numa obsessão doentia, monótona, desorientadora.

Por último vejamos quais os tecidos que este



imposição. *Avoir l'air jeune*... é exigência perigosa que obriga a esquecer a data impertinentemente registada na certidão de idade, a recorrer aos subteis artificios da *maquillage*, e a fechar os ouvidos aos reparos nem sempre oportunos da razão e da prudência...

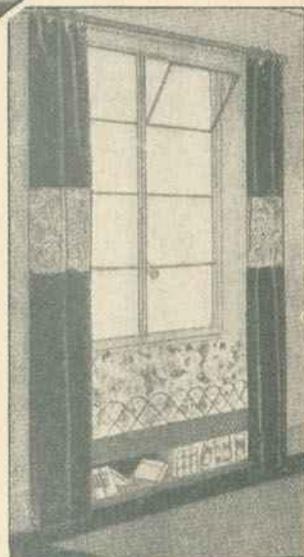
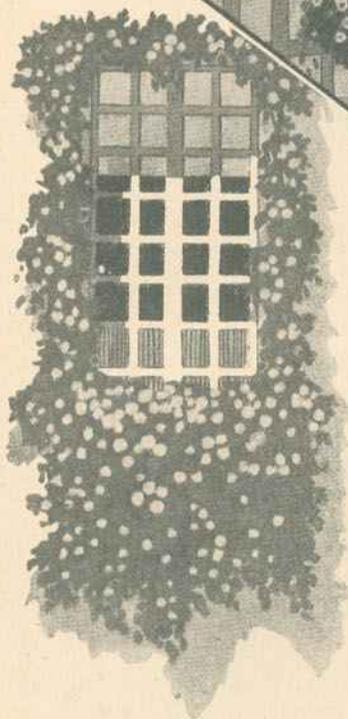
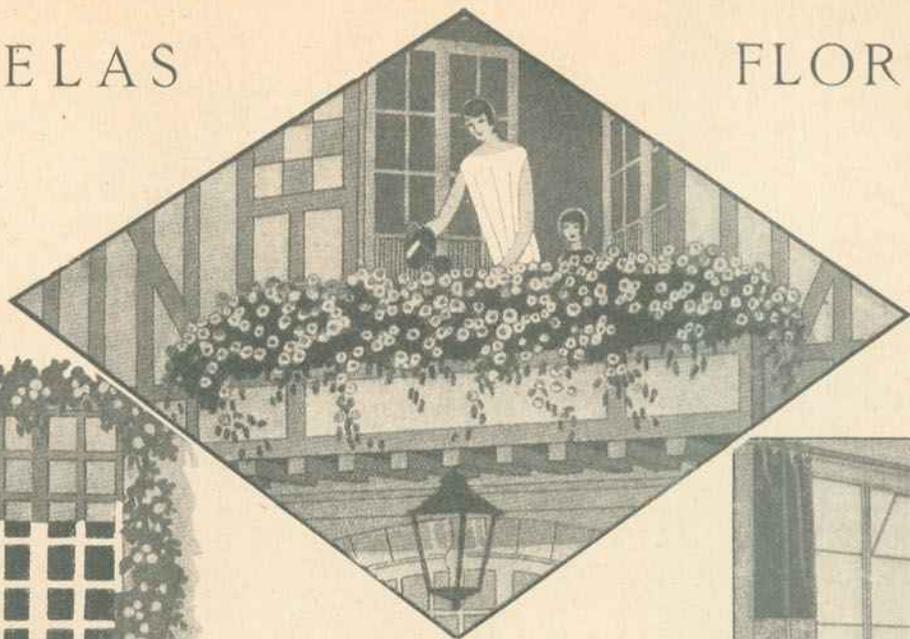
Mas o que não conseguirá a garridice feminina quando se trata de fazer valer os decretos da moda e as suas aspirações de eterno prestígio e encanto!

ano merecerão as honras do beneplácito feminino: Crepella, Frisca, — tecidos de lã fina de cores lisas; crepes georgette, da China, marocain; taffetás — o ressurgido taffetás que volta a enfeitá-los com o seu *ruge-ruge* provocante, e que se prefere em azul escuro ou preto; — as rendas pretas ou *ocrées*; as mousselines de fantasia e os *surahs* escoceses.

Estonteante nomenclatura... Oh! como vai ser terrível o embarço, para a opção!...

JANELAS

FLORIDAS



Depois, nem tôdas as plantas medram na estreiteza dum canteiro aéreo, por muito bem preparado que êle esteja.

Mas vejamos primeiro como instalaremos um canteiro na nossa janela, oferecendo condições de vida e florescência as plantas que ali pretendemos cultivar. Sobre uns suportes de ferro que se prendem na parte exterior da janela, coloca-se uma caixa do comprimento daquela e duns 40 cent. de largo, estas caixas teem quatro pés duns 5 cent. de altura, os quais assentam no interior duma outra caixa de zinco um pouco mais comprida e larga do que a primeira, cuja borda poderá medir uns 10 cent. de altura em tôda a volta. A caixa de madeira, que exteriormente será pintada com tinta de côr viva e alegre, verde, por exemplo, e também pintada por dentro ou revestida com uma camada de alcatrão, tem no fundo alguns orifícios destinados à drenagem das águas, sobre os quais se colocam uns fragmentos de barro quanto possível concavos, afim de impedir que a terra obstrua êsses orifícios. A água infiltrando na terra, vai escorrer pelos orifícios para o tabu-

leiro de zinco que fica por debaixo da primeira caixa e ali fica evaporando e conservando um ambiente de frescura à raz das plantas.

A terra com que se enche a caixa de madeira, deve ter uma composição favorável as plantas que dela se devem alimentar. Geralmente a terra rica de *humus*, a *terra vegetal*, é a preferível. De tempos a tempos, pelo outono ou inverno, principalmente, remove-se a terra da caixa adicionando-lhe outra nova e um pouco do adubo indicado para o cultivo da planta.

Para as regas, escolher-se há uma hora muito matinal antes de nascer o sol, ou então bastante tardia, não só em obediência às posturas municipais como ainda porque a terra, regada de noite, guardará por mais tempo a frescura necessária, principalmente no verão, quando as pobres plantas de canteiros suspensos em altas janelas, todo o dia dardejadas pelos raios ardentes do sol, mais sofrem de sede e calor.

Como plantas a cultivar nos peitoris das janelas, recomendamos os gerânios; a vinha virgem, e a *Boussingaultia baselloides*, uma espécie de trepadeira cuja reprodução se faz por meio de bolbos e que engrinalda deliciosamente uma janela. Isto sem falar nos cravos, rubros, perfumados, petulantes, que sempre foram excepcionalmente acarinhados pela mulher e cantados por poetas e namorados.



QUE sensibilidade artistica pode negar às flores o seu incomparável valor decorativo? Um simples ramo de polícoro vicejando seivas e frescuras, imergindo duma floreira, quanta graça, quanta vida espalha no ambiente morno, quã melancolico dum salão. E sobre a brancura da toalha, disputando nos cristais e às pratas a primasia das atenções, como elas teem o poder enfeitiçar os olhos, de levar um lampejo de suave alegria ao coração, de apurar, requintando-o, o apetite...

Mas numa janela, a engrinaldá-la de perfumes e côres, de folhagem e frescura, como elas, são soberbas e tentadoras! Há lá nada mais lindo do que uma moldura de flores, frescas, húmidas, brilhantes, a enquadrar num rosto de mulher?

Mas não é tão fácil como a primeira vista pode parecer, cultivar, em tão safaro terreno como é o parapeito duma janela, um canteiro de flores. Por isso às vezes se nos deparam ao longo das fachadas altas dos prédios, pendidas, fanadas, num estiolamento miserável de instrumentos de sacrificio expostos ao sarcasmo dos ventos e à impiedade do sol, tristes plantas que não florescem, que nunca poderão ter a veledade de abrir um caule rubro entre a verdura anêmica das suas fôlhas tristes, porque ninguém cuidou de lhes preparar terreno e instalação favorável à sua vida orgânica.

ASILO ESCOLA ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

Por esta linda cidade de Lisboa há instituições quasi ignoradas do grande público, que representam a obra de espiritos altruistas, enamorados por um grande anseio do bem e da caridade. Entre essas casas, uma das que, inspira ao

acolheu não podiam ter encontrado, para a crueldade do seu destino, quem melhor os recebesse e agasalhar-se.

Pobres cêguinhos, vendo a morte ou a miséria espreitá-los cubiçosamente desde o berço, a sua existência teria sido condenada a um calvário

sem trêguas, martirizada por algum especulador da sua desgraça e a viver de esmolas dos condôidos das suas trevas eternas, se não tivesse sido instituído o Asilo Escola «Antonio Feliciano de Castilho» sob a égide do nome do cego sublime que tantos esplendores de glória derramou sobre a literatura portuguesa.

Fundou-o a dedicação sem par da Sr.^a D. Vitoriana Sigaud Souto, auxiliada por muitas almas generosas e entre ellas as do dr. Fernando Palha e António Marcolino da Silva Carvalho.

Viu ella o seu sonho realizado a 1 de Janeiro de 1880. Mais tarde as irmãs Prado Rodrigues doaram-lhe 3100 metros de terreno e aí, com o produto de festas de caridade e milagres de dedicação e tenacidade, conseguiu-se erguer o largo e apropriado edificio em que está estabelecido o Asilo.

Em 14 de Julho de 1912 era elle inaugurado, com a maior solenidade pelo sr. dr. Manuel de Arriaga, então Presidente da República, figura nobilissima de apostolo e um dos que assistira a sessão em que se resolvera fundar o



Grupo de alunos com os directores Matoso da Fonseca, Corcêia de Oliveira, Mário do Rosário e António José Domingues

meu espirito mais enternecido culto, é o Asilo dos cêguinhos.

Estabelecido num esplêndido e vasto edificio, nos confins de Campo de Ourique, num terreno já perto das faldas da Serra de Monsanto, muito varrido de ares, tem um aspecto tão acolhedor e agradável que aquele que entra ali pela primeira vez sente uma doce impressão de tranquilidade, de solicitude e de conforto. Respira-se em toda a casa uma suave atmosfera de carinho. Sente-se que os alunos e as alunas, que ella



Aula de musica dos alunos

Asilo. E lá está agora *na sua casa*, vencendo os que o dirigem todos os atritos e dificuldades, alargando cada dia a sua acção benemérita e contando já hoje 24 alunos e 27 alunas.

A miúdo realizam-se ali festas encantadoras. Assisto sempre a ellas com uma doce alegria e uma intensa comoção. Vendo os asilados recitarem lindas poesias, tocarem os mais variados instrumentos, alguns dêles como verdadeiros «virtuosos» cantarem trechos encantadores como artistas perfectos, no meu espirito formase sempre o contraste entre o espectáculo que me delicia e o dessas pobres crianças, cobertas de andrajos, esfomeadas, numa vida de humilhações e desprêços, que seria a sua vida se o Asilo não lhes tivesse aberto misericordiosamente os braços. E toda essa obra se tem conseguido com donativos e pequenas esmolas! Haverá alguma alma bem formada que se recuse a auxiliá-la?



Uma das aulas das alunas

BALADA DA PRIMAVERA E DA JUVENTUDE

ÀS ALMAS JOVENS

Primavera!... Primavera!... É ela que chega, coroada de rosas, enfeitada de grinaldas, como na «Alegoria» de Botticelli!... Andam canções de amores e desejos, silenciosas músicas dionisiacas de ressurreições e de triunfos, dissolvidas no ar, à mistura com perfumes estonteantes!

— Vem tu daí, ó minha encantadora Cloë que o sol esculpiu! ó minha Musa frágil, humana e real de carne e osso! Ao pé de ti, eu tenho sempre dezóito anos!

Eu que, às vezes, julgo ter sessenta, e que, a miúdo, escureço a existência de amargos desalentos e pessimismos senis! mas que a intercalo também de frêmitos doidos, de garrulices matinaes de cotovias, arvéolas e creancitas pequenas!

Vem! Tu és daquelas que sabem fazer-nos esquecer do que há de cruel e de estúpido, de absurdo e de trágico, e, sobretudo, do que há de antipático no mundo, para que fiquemos a sentir a vida como uma clara canção de espuma, bebida na corola duma flor!

Sim! Tu consegues abolir a trági-comédia social, destronar a gravidade, desprezar as falsas categorias, quebrar as pesadas cadeias que a mentira forjou, — tu, tão caprichosa e frívola!

É que a tua frivolidade é transfiguradora e maravilhosa, e vale mais um teu sorriso do que toda a vã petulância e fátua consideração de todos os mandarins e conselheiros do Orbe!

— E tu, ó minha divina Beatriz ideada em alma, ó minha Musa ideal, perfeita, saudosa e inexistente! tu que és, em imagem feminina e graça pura, essa fênix de absoluto que a minha alma guardou ao tombar do Céu?!...

Quando tu vens, eu já não tenho idade! Eis-me liberto do tempo, a viver, por uns segundos, o eterno êxtase dos que contemplan a face do Senhor, embalados pelos câoros dos anjos!...

Primavera!... Primavera!... Oíço-a cantar, numa deliciosa perturbação, no meu sangue e na minha alma!

É sinto em mim um excesso de alegria e um excesso de sonho, que anseiam por comunicar-se!

É a minha juventude que se exalta, à passagem das brisas primaveris, prenhes de músicas e aromas, que a desafiam e encrespam!

Primavera! Juventude! — excesso de vida, exuberância de seivas, ligeireza e graça de movimentos, opulência de cor e de sonho!

É este excesso que aquece o meu sangue e dilata a minha alma, deseja trasbordar, mas exige convívio activo, livre e harmoniosa sociabilidade. Necessito dar-lhe o que me pede, sob pena de que se rebelde e me prostre de inacção e desalento,

A tristeza, e até mesmo o desespero, podem resultar de um excesso de exuberância e juventude inaplicadas.

Quantas criaturas, vivas e ardentes, sofrem e adoecem da dificuldade de se comunicarem, ou da maneira passiva e fria, como as outras criaturas correspondem aos seus *élans*?! Vidas de fogo que anseiam por sair de si mesmas, mas que, vendo-se cercadas de gelo, voltam a retrair-se sobre si!

Quantas grandes almas morrem de tédio, de nojo e de amargura no mundo, porque o mundo anda empestado pelos mesquinhos e inferiores?!...

— Mas vinde vós também daí, os que sois jovens de coração e de espírito! Quero dar-vos da minha alegria e do meu sonho, e compartilhar também da vossa!

Sacudi os conselhos e a influência das pessoas graves e prudentes em demasia, e vinde! Porque, olhai (quero dizer-vos-lo) — «a gravidade é um mistério do corpo inventado para encobrir os defeitos do espírito». (La Rochefoucauld) Assim a definiu o moralista.

Vinde, e ponde de parte também o método, por umas horas. Bem sei que o método é uma coisa necessária, proveitosa e conveniente. Teem-no dito homens ilustres e estimáveis, e eu também me inclino a cre-lo. Mas é preciso esquecer, de quando em vez, as coisas convenientes, proveitosas e necessárias. Honrai o método, mas que ele não mate em vós a espontaneidade!

E trazei convosco, os que as tiverdes, as vossas noivas e namoradas! E celebremos todos, com a minha amada e encantadora Cloë, a festa da Primavera e da Juventude! A presença das donzelas desenvolve o coração e os olhos, e sugere aos nossos pensamentos o segrêdo das linhas persuasivas e musicais.

A Mulher deve representar, ao lado da vontade criadora do Homem, empenhada na luta pelo império do espírito sobre a matéria, — a Graça inspiradora ou a Formosura, que «não é outra coisa que o império da forma sobre a matéria». (Manoel Bernardes). Trazei, pois, as vossas noivas e namoradas!

(Só a minha adorada e divina Beatriz não tomará assento entre nós... porque não é deste mundo. Bem pode ser que nos acompanhe do alto, em presença espiritual!)

Mas que venham apenas os verdadeiros jovens! (São bem mais raros do que se imagina!)

Conheço tantos homens que teem e tiveram vinte anos, e que não sabem o que é a juventude! Outros que não conhecem senão uma juventude incompletíssima e grosseira — a juventude dos instintos brutais!

Cuidado também com aqueles que, no intuito de parecerem jovens, se põem a fazer finchos, cabriolas e esgares de macacos, pretendendo que ninguém os tivesse feito antes d'elles! Fingem desconhecer a sua ascendência, e não desejam mais do que serem notados.

Notai-os, se quiserdes (talvez seja caridoso contentá-los), mas não acamaradeis com elles!

Todos esses, que se não aproximem! Desentender-nos-iamos, e a nossa Festa, em que deve celebrar-se religiosamente o mistério da Harmonia, seria maculado por elles. Em compensação, devemos abrir alas a todos aqueles que, aos quarenta, cinquenta ou sessenta anos, guardam a juventude do coração e do espírito.

Camaradas, façamos dêstes os nossos Mestres!

Ser jovem é ser confiante, é ser ardente, é ser sincero! É ter um olhar límpido e um coração aberto! um coração activo, trasbordante de sonho, de amor e de bondade! pulsando o ritmo dos nobres desejos, das grandes, embora impossíveis aspirações!

É ser recto de intenções e franco de palavras!

É ter olhos para a Verdade e para a Beleza, e não para os vis e mesquinhos interesses!

É sentir nas veias o sangue, como um vinho generoso, que embriaga duma divina embriaguez!...

— Celebremos, Camaradas, a Festa da Juventude!

Vêde como a Terra e os céus a celebram, como se vestem de galas, florescem e iluminam!

A Primavera é a Juventude do mundo, eternamente renovada, de ano a ano. A Juventude é a perecedora e fugidia primavera do homem.

Pois vistamo-nos também de galas, floresçamos e iluminemo-nos também nós!

Vêde como as aves a celebram! Como desfrem nos ares as curvas dos seus vôos, êbrios de azul! e como se desentranham em melodias contentes e luminosas!

É olhai as águas, como cantam ligeiras e transparentes!

É o vento, como tira da sua fructa os sons mais doces, cariciosos e brandos!

É as borboletas como bailam, tontas de luz e aromas!

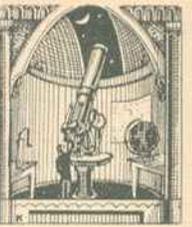
Pois voemós e cantemos nós como as aves, corramos descuidados também como as águas, e bailemos como as borboletas! e, como o vento, tiremos das nossas fructas os mais doces, mais límpidos e amorosos ritmos!

Celebremos, Camaradas, a Festa da Primavera e da Juventude!

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.



VIDA SCIENTÍFICA



AS ORQUÍDEAS

O nosso missionário Loureiro, que estudou a flora da Indo-China, ficou fortemente impressionado por ver que uma planta, o *Acrides odoratum*, vivia apoiada em troncos de árvores sem utilizar qualquer alimento ou base terrestre ou aquosa. É, afinal, a vida dos nossos musgos, mas que naturalmente impressiona por se tratar de plantas de grande desenvolvimento, com longas raízes e, por vezes, flores extremamente belas. Deu-se-lhes o nome de epífitas, e a essa classe pertencem muitas orquídeas, mas não todas. Algumas variedades vivem no chão, como a que os franceses baptizaram com a linda designação de «tamancos de Vénus», outras nas terras pobres, entre as rochas, como a *Loelia purpurata*, outras nas encostas das montanhas, que animam com as cores vivas das suas flores quando o sol da primavera derrete os gélos.

Nas florestas do Brasil as epífitas são muito numerosas, parecendo que cada árvore representa, só por si, uma pequena mata. Quando se entreabre o emaranhado de hastes que revestem o tronco, pode apanhar-se terriço aos punhados sobre a árvore suporte. As epífitas teem, portanto, um verdadeiro solo a sua disposição. Das alturas que atingem deixam pender raízes adventícias muito longas, até 20 ou 30 metros, como delgadas cordas onde por vezes se enrolam outras plantas trepadoras que caminham para cima, para a luz.

Também as orquídeas procuram a luz, e por isso se encontram nas pequenas matas que o sol devassa, com mais frequência do que nas escuras florestas. Por isso também germinam,

apoiam, e encaixotam-nas como se tratassem com plantas mortas.

Os primeiros ensaios de cultura de orquídeas nos nossos jardins foram desanimados. Tentaram plantá-las em vasos com terra, como é comum para as plantas, mas elas morreram como peixes que se quizessem criar fora de água. Em 1817, Joseph Burns lembrou-se de as colocar em cestos suspensos do teto das estufas, e mais tarde imaginaram fixá-las em bocados de madeira, por fios metálicos envoltos num musgo, o *sphagnum*, que mantém o pé da planta permanentemente húmido. O *sphagnum* foi empregado pela primeira vez por Paxton, nas estufas do Duque de Devonshire; depois usou-se uma mistura daquele musgo com fibras de raiz de feto.

Viu-se também que as sementes de orquídeas germinam quando a cultura se faz sobre o pé da planta mãe. Este processo foi aperfeiçoado pela casa Weitch, de Chelsea. Aí realizou Domini as suas experiências de hibridação, a partir de 1856, depois continuadas por outros. Os híbridos das orquídeas são notáveis por produzirem flores que fortemente se distinguem das que nascem nas plantas donde elles provêm, e assim mais parecem espécies novas. Um híbrido obtido em Paris, no Jardim do Luxemburgo, foi vendido por 7.650 francos, no tempo em que 25 francos tinham o valor de uma libra.

Viu-se mais tarde que se podem fazer germinar as orquídeas longe da planta mãe, e tornou-se regra geral a sementeira no *shagnump*. Não é, porém, a humidade que este musgo conserva, a condição indispensável para aquela germinação, mas sim a presença de um fungo que vive em simbiose com a planta.

É fácil determinar as condições mais próprias para a germinação das epífitas nas florestas: abrem-se as cápsulas; as sementes, muito leves, são disseminadas pelo vento; se caem no solo poucas probabilidades têm de vingarem porque as matam a humidade excessiva e a falta de luz; se caem sobre os troncos das árvores, encontram as maiores facilidades nas cascas rugosas onde há pequenas cavidades que lhes dão acolhida e se defendem dos jorros de água da chuva e das demasiadas securas. Mas em qualquer caso é indispensável que

as sementes encontrem os filamentos de fungos, os quais, penetrando no seu interior, lhes levam alimento preparado, reservas nutritivas que essas próprias sementes não possuem.

Albert Mercier que, recentemente, estudou esta questão no Estado brasileiro de Santa Catarina, afirma que todas as plântulas que obser-

vou no estado de tubérculo embrionário contém daqueles filamentos envelados sem os quais elas se não desenvolvem. E estes filamentos, fácil é a semente encontrá-los. O observador pôde certificar-se de que elles existiam um pouco por toda a parte, nos rochedos e nas cascas das árvores, de companhia com musgos e com líquenes.



Loelia purpurata, orquídea dos rochedos

As próprias sementes de orquídeas podem trazer consigo esporos do fungo; e estes, encontrando nas nossas estufas a humidade e o calor convenientes, multiplicam-se e dão às novas plantas o alimento de que carecem.

Tiram-se as sementes com cuidados de asépsia abrindo uma cápsula madura ou desinfectem-se as sementes já infectadas com um banho de água de sublimado a 1 para 1000 durante dez minutos e sucessivas passagens em água esterilizada. Estas sementes germinam ainda, quando envolvidas no *sphagnum*. Se, porém, se procede igualmente a esterilização d'este, já a germinação se não realiza. Assim se destruíram os fungos que, pelo que se vê, existem também naquele musgo.

Demonstrado por esta forma que a importância do *sphagnum* na cultura das orquídeas se deve aos fungos n'ele existentes e ainda que estes vivem em simbiose com elas fornecendo-lhes substâncias nutritivas, era natural que se encontrasse modo de preparação para um meio nutritivo artificial em que as mesmas plantas pudessem desenvolver-se dispensando os seus companheiros. Assim foi. Albert Mercier conseguiu obter esse meio nutritivo artificial juntando a um soluto de certos sais uma substância ternária, amido ou açúcar, e peptonas como matérias azotadas.

Está, pois, desvendado o segredo das orquídeas. Por mais belas que sejam as suas flores, elas vivem do auxilio de um humilde fungo e não, como poderia supor-se, de um sorriso caprichoso de Flora.

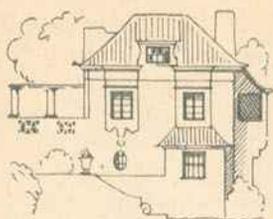
F. MIRA.



Cattleya Leopoldi, orquídea das árvores

de preferência, nas partes mais altas das árvores, de modo que, para colhê-las, é necessário abater o gigante vegetal que as suporta.

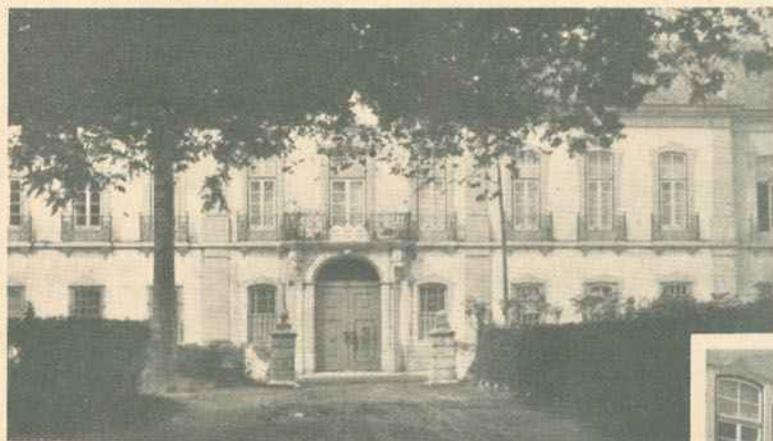
Os homens empregados em apanhar orquídeas para exportação, chamados «parasiteiros» no Brasil, escolhem para esse trabalho a estação seca, que é o período de repouso do vegetal; desprendem-nas então das árvores em que se



A CASA PORTUGUESA



CASA
DO SR. JORGE
GRAÇA
EM LISBOA



SEM GRANDE PUREZA NAS SUAS LINHAS ARQUITECTÓNICAS, TEM CONTUDO ESTE PALÁCIO, NA DISPOSIÇÃO DO SEU BELO PORTAL E NA LONGA SÉRIE DE VAOS ALTOS, CERTO AR DIGNIFICADO QUE MUITO NOS AGRADA.



O CONTACTO FACIL COM O JARDIM, LOUVAVELMENTE MANTIDO A ANTIGA E PARA ONDE SE ABREM LARGAS PORTAS DE UMA SALA DE JANTAR, É DAS FEIÇÕES MAIS SIMPÁTICAS DESTA MORADIA

TUDO FLORIDO, POVOADO DE ESTÁTUAS E CHEIO DE RECATO, É O JARDIM JUNTO A CASA, DE ONDE SE PASSA PARA A QUINTA POR UM ROMANTICO PORTÃO

INTERIORMENTE ENCONTRAM-SE HOJE, GUARNecendo VÁRIAS SALAS, RICOS PAINÉIS DE AZULEJO QUE A PACIENCIA INDEFESSA DO DONO DA CASA SOUBE ARRANÇAR DAS PAREDES DUMA ENORME COZINHA PARA OS REINTEGRAR NOS SÍTIOS DE ONDE TINHAM SIDO TIRADOS

Segundo é tradição, foi esta moradia expressamente construída, no tempo de D. João V, para a célebre Madre Paula, de onde lhe teria vindo o nome de «Quinta da Pimenta»



A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

(Continuação do n.º 10)

Fôsse como fôsse, a saúde dessa boa cidade de Boston, no que dizia respeito à medicina, tinha até ali estado à guarda de um velho diácono e boticário, cujos bons princípios morais e religiosos eram mais fortes testemunhos em seu favor que quaisquer outros que elle pudesse apresentar em forma de diploma. O único cirurgião era uma pessoa que combinava o exercício eventual dessa nobre arte com o manejo diário e habitual da navalha de barba. Para tal corpo profissional foi Roger Chillingworth um brilhante acréscimo. Logo patenteou quanto lhe era familiar o maquinismo ponderoso e imponente da antiga física, na qual cada remédio continha uma multidão de ingredientes estranhos e heterogêneos, tão complicadamente combinados como se o resultado que se pretendia fôsse o Elixir da Vida. Além disso, no seu cativeiro entre os índios, tinha elle adquirido grande conhecimento das propriedades das ervas e raízes indígenas; e não escondia aos doentes que nestes remédios simples, dádiva da Natureza ao selvagem ignorante, depositava tanta confiança como na farmacopeia da Europa, que tantos sábios doutores tanto tempo tinham levado a organizar.

Este sábio recém-vindo era exemplar pelo menos no que respeitava às formas exteriores da vida religiosa; e, pouco depois da sua chegada, tinha escolhido para director espiritual o reverendo senhor Dimmesdale. O moço teólogo, cuja fama de erudição ainda não esquecera em Oxford, era tido pelos mais fervorosos dos seus admiradores como pouco menos que um apóstolo predestinado, que, se vivesse e trabalhasse o tempo normal de uma vida humana, deixaria sem dúvida uma tão grande obra em proveito da ainda débil Igreja da Nova Inglaterra, como fôra a dos primitivos Padres em proveito da infância do cristianismo. Por este tempo de que escrevemos, começara, porém, a saúde do sr. Dimmesdale a declinar patentemente. A palidez das suas faces, explicavam-na os que melhor lhe conheciam os hábitos pela sua excessiva aplicação ao estudo, pela sua assiduidade escrupulosa no cumprimento dos deveres paroquiais, e, mais que tudo, pelos jejuns e vigílias que freqüentemente praticava, para evitar que a espessidão da matéria terrena deprimisse e obscurecesse a sua chama espiritual. Diziam alguns que, se o sr. Dimmesdale estivesse realmente para morrer, seria causa bastante não ser o mundo digno de continuar a ser pisado por seus pés. Elle, ao contrário, com humildade

característica, assegurava que, se a Providência houvesse por bem levá-lo, seria por não ser digno de cumprir a mais humilde de suas missões na terra. Com toda esta divergência de opiniões sobre a causa do seu decaimento, d'este é que não podia haver dúvida. O padre emmagrecera muito; a sua voz, posto que ainda rica e suave, tinha agora um tom melancólico, que profetizava morte; muitas vezes se observava que em qualquer ocasião de leve sobresalto ou outro qualquer incidente súbito, levava a mão ao coração, e lhe assomava ao rosto, primeiro rubor, e logo palidez, a denotar que sofria.

Tal era o estado do moço padre, e tão perto a luz da sua aurora parecia estar de extinguir-se, quando Roger Chillingworth appareceu na cidade. A sua primeira entrada em scena, vindo quasi ninguém sabia donde, como se tivesse caído do céu ou surgido de debaixo da terra, tinha um ar de mistério, que facilmente se exaggerou a milagre. Sabia-se que era um homem de arte; observava-se que colhia ervas e flores de plantas silvestres, e escavava raízes e arrancava ramos das árvores da floresta, como quem conhecia as virtudes secretas de cousas que, aos olhos do vulgo, pareciam não possuir valor. Tinham-no ouvido falar de Sir Kenelm Digby e de outros homens célebres — cujos conhecimentos scientificos eram tidos por pouco menos de sobrenaturais — como tendo sido seus correspondentes ou companheiros de trabalho. Por que motivo, tendo tal posição no mundo dos sábios, tinha elle vindo até aqui? Que podia este homem, cujo lugar era nas grandes cidades, andar aqui buscando, na orla do deserto? Em resposta a esta pergunta, ganhou vulto um boato — que por ser absurdo não deixou de ser aceite por muitas pessoas de siso — que o Céu tinha feito um milagre absoluto, transportando um grande doutor em física de uma universidade alemã, em seu corpo e pelo ar, até a porta do gabinete do sr. Dimmesdale. Outros, porém, de fé mais esclarecida, sabendo que o Céu effectua os seus intentos sem buscar os efeitos teatraes do que se chama a intervenção milagrosa, inclinavam-se a ver simplesmente a mão da Providência na chegada oportuna de Roger Chillingworth.

Esta convicção era justificada pelo vivo interesse que o físico sempre manifestara pelo moço padre; ligava-se a elle como paroquiano, e tentara conseguir da sua sensibilidade, naturalmente reservada, amigável consideração e confiança. Mostrara grande inquietação pelo

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

estado de saúde do seu pastor, mas também grande vontade de tentar a cura, parecendo que, se começasse logo, não duvidava de conseguí-la. Os anciões, os diáconos, as donas e as jovens e formosas donzelas do rebanho do sr. Dimmesdale, todos insistiam com o padre a pedir-lhe que experimentasse a arte do físico, que tão francamente lhe oferecia. O sr. Dimmesdale afastava com brandura estas solicitações.

— Não preciso de remédio — dizia.

— Mas como o podia dizer o moço padre se, em cada domingo que passava, as suas faces estavam mais pálidas e magras, e a sua voz mais trémula — quando se lhe tornara já um hábito constante, e não gesto casual, pôr a mão no peito, apertando o coração? Estava cansado de seus trabalhos? Queria morrer? Perguntas foram estas que lhe fizeram os padres mais velhos de Boston, e os diáconos da sua igreja, que, para nos servirmos da própria frase que empregaram, «lhe mostraram» o pecado que cometia em rejeitar o auxilio que a Providência tão claramente lhe proporcionava. Escutou-os o moço padre em silêncio, e por fim prometeu falar ao físico.

— Se esta fôsse a vontade de Deus — disse o reverendo senhor Dimmesdale, quando, em cumprimento da sua promessa, pediu ao velho Roger Chillingworth os seus conselhos profissionais — eu antes quisera que os meus trabalhos, e as minhas tristezas, e os meus pecados, e as minhas dores, em breve comigo acabassem, e o que nelas é da terra se enterrasse em minha sepultura, e o que é espiritual fôsse comigo para o meu estado eterno — do que vós fizésseis uso da vossa arte em meu proveito.

— Ah — respondeu Roger Chillingworth, com aquella calma que, natural ou forçada, distinguia todos os seus actos — é assim que um padre moço costuma falar. Os homens moços, não tendo ainda criado raízes na terra, com facilidade abandonam a vida! E os santos, que andam com Deus na terra, prefeririam decerto estar longe dela, e pisar com Elle o chão de ouro da Nova Jerusalém.

— Não, — respondeu o moço padre, levando a mão ao coração, ao mesmo tempo que mórbido rubor lhe assomava ao semblante — fôra eu digno de andar neste mundo, e de bom grado trabalhara nêle.

— Os bons sempre se amesquinham — respondeu o físico.

Dêste modo passou o velho e misterioso Roger Chillingworth a ser o médico do reverendo



senhor Dimmesdale. Como não só a doença interessava o físico, mas este sentia um desejo intenso de analisar o carácter e as qualidades do doente, estes dois homens, de idades tão diversas, vieram, pouco a pouco, a passar muitas horas juntos. A bem da saúde do padre, e para que o físico pudesse colher plantas medicinais, davam grandes passeios à beira-mar ou pela floresta, misturando conversas várias com o fragor ou o murmúrio das ondas, e com o hino solene do vento no cimo do arvoredo. Muitas vezes, também, um dêles visitava o outro no seu retiro estudioso. Sentia o padre uma fascinação na companhia do homem de ciência, em quem reconhecia cultura intelectual notavelmente extensa e profunda, assim como um âmbito e liberdade de ideias que em vão procuraria entre os da sua profissão. O sr. Dimmesdale era verdadeiramente um padre, um rigoroso observante dos deveres religiosos, com o sentimento da veneração muito desenvolvido, e uma feição de espírito que se lançava com força pelo caminho traçado por um credo, tornando cada vez mais funda a marca da sua passagem com o decorrer do tempo. Em nenhum estado social poderia ter sido o que se chama um homem de ideias liberais; seria sempre essencial a paz do seu espírito sentir em torno de si a pressão de uma fé que o sustentasse, e que, ao mesmo tempo, o prendesse dentro da sua estrutura de ferro. Mas não deixava de sentir, embora com um gozo perturbado, êsse ocasional alívio de ver o mundo através de uma inteligência de feição diferente daquelas com que habitualmente tratava. Era como se uma janela se abrisse, deixando entrar um ar mais livre no quarto abafado onde êle estudava, onde a vida se lhe ia gastando, à luz do candeeiro ou à luz velada do sol e no meio do momento odor que, seja material ou moral, se exala sempre dos livros. Mas era um ar vivo e frio em demasia para que êle o pudesse respirar muito tempo sem desconforto. Por isso o ministro, e com êle o físico, tornavam a recolher-se dentro dos limites do que a sua Igreja defendia como ortodoxo.

Assim Roger Chillingworth examinou cuidadosamente o seu doente, já como o via na sua existência normal, seguindo o caminho do costume dentro do círculo de pensamentos que lhe era familiar, já como êle se manifestava quando era pôsto no meio de uma nova paisagem moral, cuja novidade bem poderia chamar alguma coisa nova à superfície do seu carácter. Achava essencial, ao que parecia, conhecer o homem, antes de empreender curá-lo. Onde quer que haja um coração e uma inteligência, as doenças do corpo ressentem-se das peculiaridades daquele e desta. Em Arthur Dimmesdale, o pensamento e a imaginação eram tão activos, e a sensibilidade tão intensa, que o mais provável era que a doença do corpo neles tivesse causa. Por isso Roger Chillingworth — o homem de arte, o físico bondoso e amigo — tentou descer fundo no peito do doente, escavando em seus princípios, esquadrinhando suas recordações, e sondando tudo com mão cuidadosa, como um pesquisador de tesouros em caverna escura. Poucos serão os segredos que possam escapar a um investigador que tem ocasião e liberdade para empreender uma tal indagação, e arte para a prosseguir. Um homem que tem um segredo deve sobretudo evitar a intimidade do seu médico. Se êste possuir sagacidade natural, e também uma outra cousa, difícil de definir, a que chamaremos intuição; se não mostrar um egoísmo importuno, nem característicos próprios desagradáveis; se tiver o poder, que tem que ser innato, de pôr o seu espírito em tal afinidade com o do doente, que êste diga, sem dar por isso, o que julga que lhe não passou do pensamento; se essas revelações forem recebidas sem alarde, e aceite menos com simpatia expressa que com um silêncio, um murmúrio inarticulado, e de vez em quando uma palavra, só para indicar que se compreendeu tudo; se a estes requisitos de confidante se juntarem as vantagens que resultam do seu carácter reconhecido de médico — então, nalgum momento inevitável, se dissolverá a alma do padecente, trazendo à luz do dia todos seus mistérios.

Roger Chillingworth possuía todos, ou quasi todos os atributos acima apontados. Porém o tempo passava; uma espécie de intimidade se estabelecera, como dissemos, entre estes dois espiritos cultivados, que tinham para encontrar-se um campo tão vasto como era todo o âmbito do pensamento e da cultura humana; tinham discutido tudo quanto se pode discutir em moral, em religião, em assuntos públicos e particulares; tinham falado muito, um e outro, de cousas que pareciam pessoais; e contudo nenhum segredo, daqueles que o físico supunha que deveriam existir na consciência do ministro, alguma vez de lá saíra para o ouvido do seu companheiro. Êste chegava até a suspeitar que nem mesmo a natureza da doença física do sr. Dimmesdale lhe fôra nunca verdadeiramente revelada. Era uma reserva singular!

Passado certo tempo, obedecendo a uma su-

gestão que partira de Roger Chillingworth, arranjaram os amigos do sr. Dimmesdale que os dois passassem a morar na mesma casa, a fim de que cada fluxo e refluxo da existência do ministro passasse à vista do seu físico atento e ansioso. Grande fôo a satisfação na cidade quando se conseguiu tão louvável intento. A todos parecia êste o melhor arranjo que podia lembrar para bem do moço padre; e não ser, em verdade, como bastas vezes aconselhavam os que se sentiam com autoridade para o fazer, que êle escolhesse alguma das jovens donzelas que lhe eram espiritualmente dedicadas, para sua dedicada esposa. Porém êste último passo, não havia probabilidade imediata de que Arthur Dimmesdale se decidisse a dá-lo; a todos os conselhos que lhe davam neste sentido êle rejeitava, como se o celibato do padre fôsse um dos artigos de disciplina da Igreja a que pertencia. Assim condenado, por sua própria vontade, como estava Arthur Dimmesdale, a comer sempre des-saborido pão a mesa alheia, e a passar o frio perene que tem de ser quinhão de quem se não quer aquecer senão a lareira estranha, em verdade parecia que êste velho físico, sagaz, experimentado e benévolo, com seu misto de amor paternal e reverente ao jovem pastor, era o homem que, mais que qualquer outro, devia estar constantemente ao alcance da sua voz.

A casa que os dois amigos passaram a habitar, e onde eram hóspedes de uma piedosa viúva, de boa classe social, ocupava quasi exactamente o terreno onde posteriormente se levantou o venerável edificio de King's Chapel. Tendo de um lado o cemitério, que fôra primitivamente o talhão de Isaac Johnson, estava em boa situação para evocar, tanto no padre como no físico, pensamentos graves, adequados a suas respectivas profissões. O cuidado maternal da boa viúva deu ao sr. Dimmesdale um quarto na frente da casa, voltado ao sol, com reposteiros espessos, para fazer sombra, quando fôsse preciso. As paredes estavam cobertas de tapeçarias, que se dizia serem gobelins, e que, fôsem ou não fôsem, representavam a história bíblica de David e Betsabee, e do profeta Natan, em côres ainda vivas, mas que faziam aquella formosa mulher quasi tão horripelantemente pitoresca como o vidente agoureiro. Aqui amontoou o pálido sacerdote a sua livraria, rica de fôlios dos Padres, da sabedoria dos rabinos, e da erudição dos frades, de que os teólogos protestantes, ainda que habitualmente conspurcassem e menosprezassem essa classe de escritores, tantas vezes se viam obrigados a valer-se. Do outro lado da casa dispôs o velho Roger Chillingworth o seu gabinete e laboratório, que não era tal que um moderno homem de ciência o pudesse considerar nem como sofrivelmente completo, mas era provido de um aparelho de destilação e dos meios de preparar drogas e produtos químicos, que o experimentado alquimista sabia bem aproveitar.

(Continua.)

TERRA AFRICANA

DE DAKAR A LAGOS (IMPRESSÕES DE VIAGEM)

Dakar, 25 de Março de 1926.

Há cidades novas que pretendem deslumbrar o visitante armando ao efeito como novos-ricos; há outras, imprevidentes e estroinas, que não olham o dia de amanhã, esgotando sem critério os recursos do presente e empenhando sem do as receitas de um problemático futuro.

Dakar que conta de existência poucas dezenas de anos, nasceu e tem-se criado com a sisudez característica do bom burguês de França.

Nem o Português que aqui passou e assentou arraiais na fronteira ilha de Goréa em 1443;

—mar de mais de 2 quilómetros e meio, na sua totalidade, para abrigarem da vaga brinçalhona e por vezes rebelde uma superfície interior de mais de 225 hectares. — Dêstes dragou, com cuidado, um espaço de 40 hectares, onde podem ancorar couraçados, e navios mercantes do maior calado. Foi construindo um longo cais acostável e dois molhes largos e extensos que nêle se inserem perpendicularmente. E no orçamento do ano económico que vai entrar há choruda verba para a construção de um terceiro molhe, aumento dos outros, novas dragagens e outras obras que longo seria enumerar mas que vão conduzindo o porto de Dakar ao seu completo apetrechamento.

e extensas avenidas, tratou das canalizações; em 1902 levanta para o governador um primoroso palácio, donde se disfruta o panorama de toda a península de Cabo Verde.

Em 1914 recebe a visita da peste bubônica, e como compensação de algumas centenas de vidas, remove do meio dos europeus as palhotas dos indígenas que transfere para o bairro de Medina. Está actualmente na fase das grandes construções em cimento armado, e dos *chalets* em série, à maneira inglesa, dos quais uma boa centena se encontra já habitada.

Porém no meio dêste esforço, tão porfiado como inteligente o Francês sentia continuamente pungi-lo um acúleo impertinente, que lhe tolhia o sono, e o impedia de dar largas a seus planos grandiosos.

Dakar não tinha água! O Francês não o confessava. A custa da sua própria higiene — reduzido, em certas épocas do ano, a 2 horas de água por dia — abastecia os navios que tocavam o porto. Mas viu-se obrigado a largo dispêndio com a captação e elevação da água do mar, para a rega das ruas, a fim de poupar a sua lodosa e quasi impotável água doce. Não basta! O problema torna-se, mais do que urgente, angustiante. — Pensa-se em dispendir centenas de milhões para captar e canalizar 70 centenas de quilómetros, a corrente de um rio...

Eis que, há dois anos, um capricho da sorte modificou totalmente a situação. Como nos tempos bíblicos, um homem, batendo com a sua vara num rochedo estéril fez brotar dêle um caudal de fina água, e tão abundante que excede de longe as necessidades do povoado...

O caso merece pormenorizada narração:

Quando em 1921, se começou a pensar na travessia do Saharã em automóveis, a casa construtora despachou, na frente, com muita antecipação, um pesquisador de nascentes, um *vêdor*, um *sourcier* enfim, munido da sua varinha de álamo, à cata de depósitos que facilitassem o percurso. Chamava-se Moineau, era médico e francês, e não me interessa saber se foi feliz na tarefa encomendada. Sei porém que de regresso a França, ao passar em Dakar, lhe foi pedida pelo Governador Geral Mr. Merlin (nome de mágico, nome predestinado) uma rápida inspecção aos arredores da cidade. Moineau pega da sua varinha, percorre a estepe e declara: «A pouca profundidade, por baixo de uma camada de rocha, há um enorme lençol de água potável». — Em determinado ponto que indicou, afirmou a existência, a 600 metros de profundidade, de um formidável rio... mas esta última previsão não foi ainda verificada.

Mr. Merlin confiante, concede 50.000 francos para pesquisas. Cortada a rocha, a água brota em cachão inexaurível. Importam-se máquinas. — A cidade dispõe hoje de um caudal muito superior às suas necessidades e pode aumentá-lo sem limites.

O sr. engenheiro Mr. Mahé protesta que o *sourcier* não era preciso. Há muito tempo pedira êle um crédito para perfurações; mas confessava que foi a opinião do *sourcier* que decidiu o governo. No fim de contas que importa? Se há facto que mereça passar à lenda é este. E daqui a 500 anos a poética popular há-de narrá-lo a seu modo, criando pormenores e doseando a seu talento a intervenção de Merlin, Moineau e Mahé...

O porto de Dakar e com êle o futuro da cidade estão salvos. Os recentes, e ai de nós! tardios trabalhos do Porto de S. Vicente hão-de certamente desviar daqui um certo número de transatlânticos. Mas êsse prejuízo já não terá influência decisiva.

Os produtos do interior, drenados por 2 caminhos de ferro, cujo movimento aumenta dia a dia, bastariam só por si para pingue remuneração do capital empatado.

A. DAMAS MORA.



DAKAR — Vista do porto tirada de avião

nem o Holandês que nos espoliou em 1610, para ser por sua vez expulso pelo Francês em 1677; nem o Inglês que conquistou o Senegal primeiro em 1782, depois em 1800, para definitivamente o restituir em 1814, nenhum dêstes dominadores sucessivos viu o partido a tirar da reinterância que desenha, do lado oriental, a península de Cabo Verde, o esporão mais saliente que a frica embebe no Atlântico.

Só em 1866, estimulado pelo rendoso negócio que nas Canárias e S. Vicente faziam Espanha e Portugal, o Francês se resolveu a comprar o primeiro carregamento de carvão e a estabelecer com êle o seu *comptoir*. Na tabuleta mandou gravar esta legenda: *Porto de Dakar. Fornecimentos em condições excepcionais aos navios em trânsito — Preços sem competência.*

Demais sabia o novo concorrente que as Canárias, mais próximas da Europa, obteem por mais exiguo preço a sua negra mercadoria; não ignorava tão pouco que o trajecto por S. Vicente encruta de 6 horas a viagem dos grandes transatlânticos que demandam a América do Sul. Conhecia melhor do que ninguém a quasi insuperável dificuldade que lhe iam ser a escassez e a má qualidade da água da sua estéril península, desde que o movimento do porto excedesse certos limites.

Mas reflectiu que os portos rivais pertenciam a povos meridionais cuja característica é produzir por espasmos, e ignorarem o esforço lento e persistente; e assim, enquanto estes, fiados como a lebre da fábula, no seu avanço e nas vantagens naturais dos seus portos, dormiam o cómodo sono dos imprevidentes, o Francês entrou a desenvolver Dakar, em silêncio, paulatinamente, mas sem pausas, como a tartaruga de La Fontaine.

Começou por construir dois paredões quebra-

...E o movimento marítimo, subindo de ano para ano (1162 navios em 1919) com a tonelagem de 2.446.000 para 2116 em 1924 e 2.948.000 toneladas *jaugé nette*) aproxima-se já do de Bordeaux e excede Bolonha, retribuindo largamente o esforço dispendido.

Ao mesmo tempo que trabalhava no porto — a alma de Dakar — o Francês, calmamente,



DAKAR — Palácio do Governo

sem pressas, e sem intuídos de deslumbrar foi construindo o casario da cidade. Primeiramente fê-lo modesto, baixo, mal alinhado, sem esgotos, e de mistura com as cubatas do indígena; depois ensaiou primeiros andares, traçou amplas

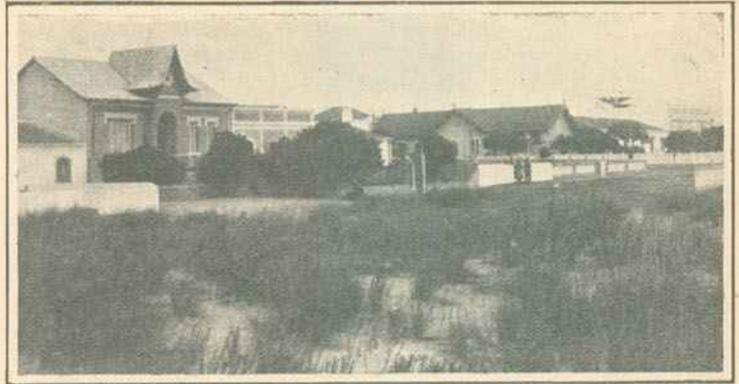
CIDADES, VILAS E ALDEIAS



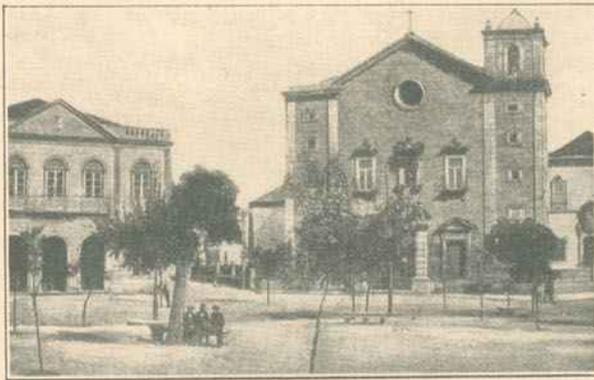
CASTELO BRANCO, CIDADE DOS TEMPLÁRIOS

ALTAINEIRA, conserva-se ainda no meio desta cidade beirão a torre de menagem do castelo que os Templários construíram nela, logo após a terem recebido por doação de D. Afonso II. Segundo o teor de delidas inscrições ali encontradas, supõe-se que a cidade moderna assenta sobre as ruínas da anti-quíssima *Castra Leuca*, do tempo do domínio dos Césares na península.

As muralhas do castelo eram de uma espessura pas-mosa, garantindo abrigo aos pobres habitantes que nessas eras remotas bastas vezes viam a paz dos seus rudes misteres transtornada pelos ardores bélicos dos castelhanos. Os lavradores e as famílias, os zaguis e o armento, tudo então se acolhia sob a balsa ondulante dos célebres monges-guerreiros. O tempo e também um pouco a incúria dos homens foram deixando cair



Monte-Gordo — A povoação vista da praia



CASTELO BRANCO — Paços do Concelho e Sé

as fortificações em ruínas e hoje o que dela resta é pouco, embora o velho burgo, capital da Beira-Baixa, ainda dêle se orgulhe, pela nobreza heroica que lhe atribui. Do cimo dessa torre disfruta-se um dos mais largos panoramas da região, indo os olhos encontrar, para o sul, Castelo de Vide, Marvão, S. Mamede, e no sentido contrário, a mole austera da serra da Estrêla e a da Gardunha.

Como povoação, Monte-Gordo contém bons prédios, entre eles um Casino.

O NOVO HOTEL DE COIMBRA

PODEM as paisagens ser encantadoras, podem os monumentos constituir supremas maravilhas de arte, — que o viajero curioso o que considerará inexcelvel delicia, ao fim de um dia inteiro de deambulação, será a pousada cômoda e limpa, com um saboroso jantar e uma cama fôfa. Só há pouco tempo isto, em todo o sempre axiomático na matéria, começou de ser compreendido pelos nossos apóstolos do turismo.

Agora um fagueiro vento do progresso tocou Coimbra, a Coimbra poética e lendária, Meça portuguesa dos devotos da Arte: mais um esplêndido hotel torna hoje acolhedora a linda cidade. Esse hotel, denominado *Astoria*, apresenta instalações que se podem dizer modelares. A sua fundação é mais uma iniciativa do sr. Alexandre de Almeida, que neste ramo de actividade não tem entre nós quem lhe leve a palma em sciência e arrôjo.



COIMBRA — Hotel «Astoria» (sala de jantar)



CASTELO BRANCO — Castelo dos Templários

Sê é o mais notável, pela sua capela do Santíssimo Sacramento, revestida de ricos mármorees.

MONTE-GORDO

É uma das boas praias da costa algarvia, sita a curta distância de Vila-Real-de-Santo-António, que a frequenta no tempo da canícula. Durante muitos anos manteve-a inospita a fúria da areia. Hoje, defendida por um pinhal, que de ano para ano vai esgalgando mais os soldados da sua benfazeja hoste, as dunas fixaram-se e desistiram de atormentar a povoação e de esterilizar a magnifica terra que, em torno de Vila-Real, se expande em formosos laranjais e outros frescos trechos de pomar e horta.

Antítese da Praia da Rocha, de gigantescas penedias, Monte-Gordo é uma limbria estensíssima de areia, de



A marca da elegancia

ESPARTILHOS MODERNOS «POMPADOUR»

A marca do Espartilho e Cinta elegante e higiênico, obedecendo ao rigor da moda actual e às prescrições da ciência.

É a unica que forma e conserva o porte airoso e gracil do busto, a linha esguia e flexuosa da Moda, o aprumo e distinção de todo o corpo.

ARTE, PERFEIÇÃO E LUXO — Execução primorosa

CASAS DE VENDA

LISBOA

A P O M P A D O U R

28, Chiado, 30

Telef.: C. 210

PORTO

ARMAZENS DA CAPELA

70, R. Carmelitas, 76

Telef.: 1885



Veramon



**acalma
as dôres.**

Veramon *Schering* em comprimidos

é o melhor remédio contra todas as especies de dôres principalmente da cabeça e dos dentes. Não ataca o coração. Não causa sono. Encontra-se em todas as farmacias e drogarias.

CIGARROS ARAKS



EGIPCIOS DA MAIS FINA QUALIDADE
E AROMA

À venda em tôda a parte

Importadores: V. Contreras & Filho
R. 1.º de Dezembro, 7

**REBELLO
DE ANDRADE & ALCOBIA LMA
LARGO DO CARMO 15
LISBOA**

CONSTRUÇÕES DECORAÇÕES MOBILIÁRIO

**PROJECTOS
DE
ARQUITECTURA**

**ARTIGOS
DE
DECORAÇÃO**

Maravilha da Comodidade

ATACADORES ELÁSTICOS
Para atacar de uma vez para sempre
(Em todas as cores)

Preço de cada par Esc. 2750
Porte grátis — Descontos a revendedores

Únicos representantes e Depositários em Portugal

VICTOR G. CORDIER, L.^{DA}
Rua do Assucar, 78 — BRATO

DEPOSITOS: (Em Lisboa) Rua da Prata, 275
C. Marquez d'Albrantes, 1 e 3
(No Porto) Rua das Flores, 136

BORRACHA, CORREIAS, AMIANTO

PETROLEO

M. d. P.

HAHN

PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora indispensavel para limpeza, aformosamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 207500 FRASCO PEQUENO 147500
FRASCO ENSAIO 27550 VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: J. DELIGANT, L.^{da}
15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

JOALHARIA DO CARMO

J O I A S

PRESENTES

E

PARA



P R A T A S

ANIVERSARIOS

E

ARTÍSTICAS

CASAMENTOS



SÉDE NO PORTO: RUA 31 DE JANEIRO, 53

TELE { GRAMAS: AUREARTE
FONE: 1160

FILIAL EM LISBOA: RUA DO CARMO, 87-B

TELE { GRAMAS: AUREARTE
FONE: N. 1360

Grip-fix

A COLA IDEAL
ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ

É a cola mais económica em todos os sentidos e que se recomenda pelo aceio no seu uso.

É apresentada em lindos boiões de alumínio.



Cada boião substitui 5 frascos vulgares de cola líquida.

São elegantes e devem figurar sobre tôdas as mesas de trabalho.

Não se entorna, é do máximo aceio no seu uso, colando imediatamente após a sua aplicação.

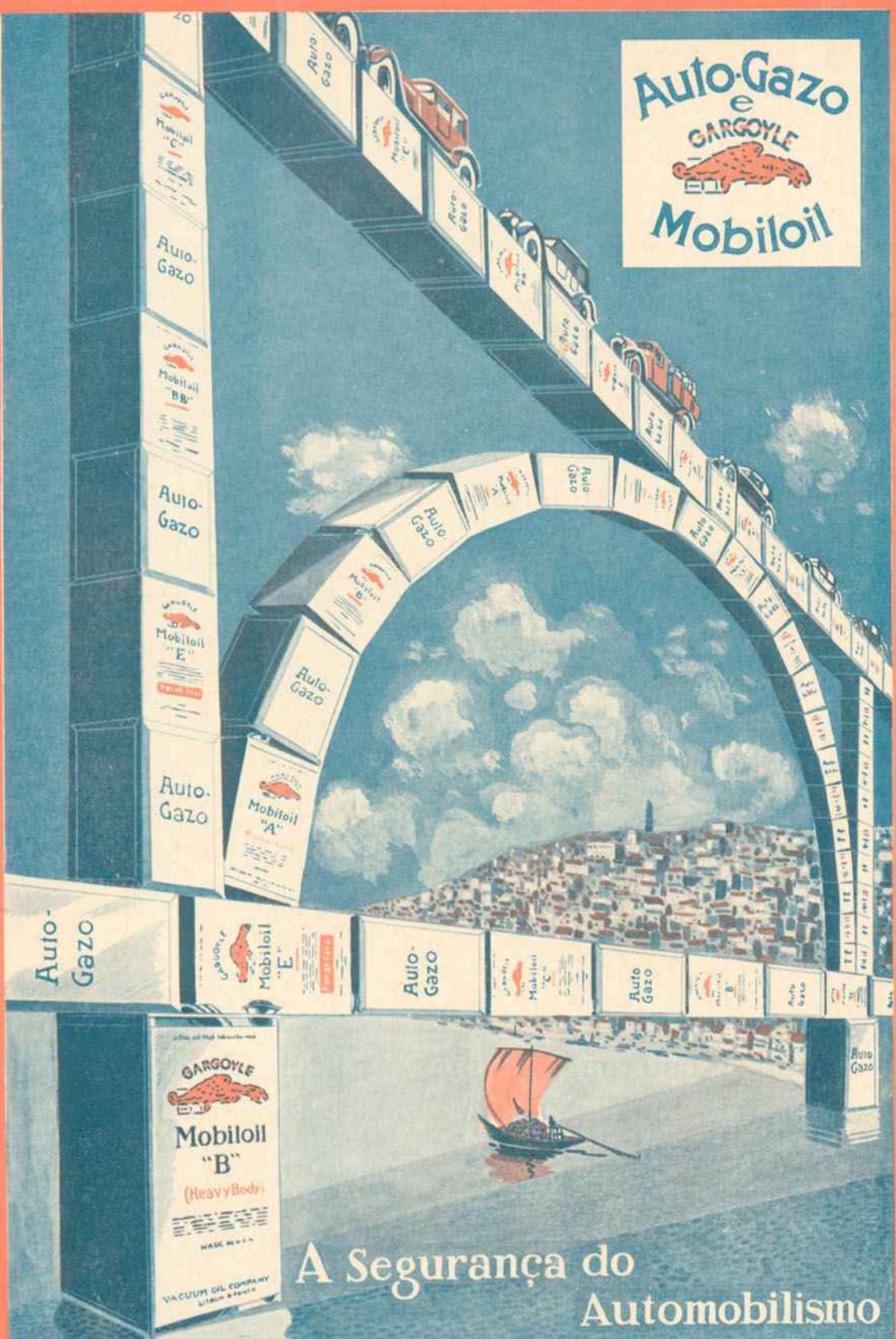
PREÇO: 9\$00

Unicos representantes para Portugal e Colónias:

AILLAUD, LIMITADA

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Auto-Gazo
e
GARGOYLE
Mobiloil



A Segurança do
Automobilismo

VACUUM OIL COMPANY